OESTE VIOLENTO

DICK MIYAMURA

MORTE NA PRADARIA

SÉRIE: CHUMBO GROSSO

VOLUME: 128

TÍTULO: MORTE NA PRADARIA

AUTOR: DICK MIYAMURA

CAPA: PERON SILVA

EDITORA: MONTERREY

ANO DA PUBLICAÇÃO: 1985

PREÇO DA PUBLICAÇÃO: CR$ 3.400

PÁGINAS: 128

OESTE VIOLENTO

MORTE NA PRADARIA

DICK MIYAMURA

Capa de:
PERON SILVA

PROIBIDA A REPRODUÇÃO NO TODO OU EM PARTE

EDITORA MONTERREY LIMITADA
Rua Visconde de Figueiredo, 81
Caixa Postal n 24119 – ZC-09
20550 – Tijuca – Rio de Janeiro
Fones: 248-7067 e 234-8398

© EDITORA MONTERREY LIMITADA
MCMXCI Publicação no Brasil
Composto e impresso por:
GRAFICA EDITORA LORD
Distribuído por:
FERNADO CHINGLIA
DISTRIBUIDORA S.A.

Todos os personagens desta novela são imaginados pelo autor e não tem relação com nomes ou personalidades da vida real. Qualquer semelhança terá sido mera coincidência.

CAPÍTULO PRIMEIRO

Um aumento de salário

Rocky Lance olhava aborrecido para o céu e enxugava o suor do rosto. Danado de dia calorento! Olhou para os dois cavalos que puxavam a carroça e não ergueu o chicote comprido que empunhava mais para afastar as moscas que às vezes teimavam em fazer pouso no lombo dos animais, do que para fustigá-los.

Esse miserável do Jenkins bem que poderia mandar colocar uma lona sobre este banco duro e mal-ajeitado — pensou. De fato, o assento do rapaz bem à frente da comprida viatura de quatro rodas não possuía qualquer cobertura para evitar que ele se protegesse da chuva ou do sol. Mas as mercadorias que transportava se achavam bem abrigadas sob um pano oleado.

Rocky Lance era encarregado da carreta de transporte da maior loja e empório de Phoenix e quiçá do território. Fornecia mercadorias para os ranchos e povoações da região que eram levadas aos compradores no veículo conduzido pelo jovem. Daquela vez, por exemplo, ele transportava, para o senhor Mortimer do rancho Black Horse, açúcar, farinha, óleo, manteiga, pólvora, sal e uma infinidade de latarias e garrafas com bebidas.

A estrada para Pineville, pouco transitada e muito estreita, servia mais para os rancheiros que dela se

utilizavam para se locomoverem com suas manadas e também nas comunicações com as vilas mais próximas. Inclusive era percorrida pela diligência que servia àquela região interligando a zona rural com as povoações.

Rocky pensava em Cathy, a sua doce e meiga Cathy... E por instantes, esqueceu-se do sol e da poeira que o vento levantava e jogava-lhe nos olhos fazendo-o soltar algumas imprecações.

Naquela manhã, era muito cedo ainda quando apareceu no empório o velho Barnaby Johnson, guarda-livros do senhor Jenkins e lhe havia dito:

— Rapaz, cuidado com os comancheros que estão por aí... o xerife Harris avisou que alguns desses coiotes foram vistos pelas bandas de Pineville.

Só faltava aquela! Mas Rocky mandou os comancheros para o diabo e voltou a concentrar seus pensamentos em Cathy. Sou um cara de sorte. Imaginem só ter uma coisinha daquelas como namorada. Mas se eu não me casar, logo aparece algum vaqueiro endinheirado e me passa a perna levando Cathy para o altar. Mas casar de que jeito? Esse pão-duro do Jenkins não me paga um salário que preste! Os irmãos de Cathy me tocariam de casa dela com um par de tiros de chumbo grosso nos fundilhos! mal terminou de repassar na mente essas considerações e ouviu ao longe na estrada os sons de alguns tiros e ruídos de tropel de cavalos.

Rocky concentrou-se nos animais e na carroça e. segurando mais firmemente as rédeas soltou uns assobios ordenando que a parelha aumentasse o trote. O rapaz possuía a qualidade que o senhor Jenkins já conhecia, mas que não reconhecia justamente para evitar um aumento de salário. Ele era corajoso e não fugia nunca dos perigos.

Ao invés de parar ou retroceder, Rocky Lance acelerou a carreta em direção àqueles sons.

A estrada continuava ainda por umas duas ou três milhas em linha reta para logo depois de uma acentuada curva enveredar através de uma elevação que só culminava meia milha acima, e no alto transformava-se na descida que terminava na planície abaixo. Aquela elevação era o ponto perigoso da rota e mais de uma vez ocorreram desastres com diligências e carroças devido à rampa em declive. Nas estações de chuvas, era temerário cruzar o referido trecho sem que se tomassem maiores precauções.

Alçando o corpo no banco em que estava sentado o rapaz tentou divisar ao longe o que poderiam significar aqueles tiros e tropelias. Porém valeu a pena esse pequeno esforço fisico, pois lobrigou lá adiante no trecho em declive depois da curva nuvens de poeira que se elevavam ao céu.

— Vamos seus matungos velhos! — gritou para os animais estalando o chicote no alto.

Enquanto segurava as rédeas com uma das mãos, com a outra ajeitou o Colt no cinturão e tateou embaixo do assento para constatar se o rifle também se encontrava ali.

A parelha parece que decidiu colaborar com Rocky e saindo da habitual letargia a que estava acostumada com o beneplácito do seu condutor, disparou para a frente até atingir a curva. Ultrapassando o lugar, a carreta preparou-se para a subida, quando a boa disposição dos animais deixou de existir. O rapaz desta feita não deixou por menos e estalando o chicote, mas sem abaixá-lo como sempre, ele gritou:

— Ou correm ou ficam sem ração, seus porcarias imprestáveis!

Podia ser mera coincidência. Ou força do hábito. Entretanto, os cavalos pareceram entender aquela ameaça e como que buscando forças invisíveis eles resfolegaram alto e sacudindo os cabrestantes alargaram as passadas e

venceram a meia milha de rampa como se fossem mais jovens e melhor recompensados nas cocheiras. Rocky sorria porque tinha certeza de que aqueles companheiros de trabalho e sofrimento faziam isso só por ele, nunca pelo senhor Jenkins ...

E foi lá do alto da elevação quando se preparava para ingressar no trecho em declive que o jovem percebeu do que se tratava. Percebeu não, ele viu mesmo. A velha diligência de Pineville estava parada na margem da estrada e protegida de um lado pelo barranco. Todavia, a uns cinquenta metros atrás de uma alta e grossa pedra que se sobressaía em relevo da terra cavada do lado, se encontravam três cavaleiros que atiravam no veículo e no qual aparentemente apenas uma pessoa se preocupava em defendê-lo. Deve ser o Judd — pensou Rocky lembrando-se do veterano cocheiro que nunca se rendia aos assaltantes e lutava como um bom texano que era. O rapaz tinha que frear a carreta para não a fazer despencar estrada abaixo, e podia, de onde estava, divisar os atacantes que de tão ocupados em apontar suas armas contra a diligência e atirar, nem se aperceberam do entregador de mercadorias. Rocky dirigiu a viatura pela margem oposta aos assaltantes e pondo-se de pé sobre o assento já com o rifle nas mãos, apontava e disparava.

O inesperado socorro surpreendeu tanto aos que estavam no veículo como aos bandidos. Rocky identificou-os pelas indumentárias. Só podiam ser comancheros. Não se trajavam como cowboys e sim uma mescla de roupa mexicana e índia. Primeiro, arrancando lascas da pedra atrás da qual estavam abrigados e depois abatendo um deles, o rifle do rapaz começou a fazer estragos. Judd, o cocheiro, animou-se e caprichando na pontaria deve ter ferido gravemente outro assaltante. O restante e ainda em condições de lutar, preocupado ou apavorado, não se sabe,

com a mudança de condições repentinamente surgida, tentou o que Rocky parecia aguardar. Movimentou a montaria para fora daquela trincheira natural para avançar contra a viatura que se aproximava ou para fugir. Não viveu para contar o que pretendia, pois, um balaço do jovem fê-lo cair da sela como se fosse arrancado por um safanão implacável.

O comanchero remanescente que tinha sido ferido efetuou então o que já poderia ter feito antes. Deu meia-volta no cavalo e tentou sair dali a toda pressa. Tentou, mas não conseguiu. Os cavalos de Rocky como que adivinhando as intenções do rapaz diminuíram o trote firmando as patas na terra, arrastando a carreta e levantando uma compacta nuvem de poeira. O rapaz caiu sentado sobre o banco e pôde instantaneamente firmar pontaria, apertando o gatilho quando o bandido ainda pretendia voltar-se para enxergar o caminho à frente. O tiro de Rocky apanhou-o bem na testa e sem um grito, jogado para longe, ele rolou no solo imobilizando-se logo a seguir. Judd soltou um grito de alegria e pulando da boléia da diligência para o chão de arma empunhada, correu para verificar se os comancheros estavam mesmo mortos. Estavam.

Só depois é que se voltou para Rocky exclamando:

— Rapaz, chegou bem na hora. Eu estava sozinho defendendo o carro. Nenhum desses molengas aí dentro criou coragem para ajudar.

Os molengas, como o cocheiro os havia qualificado começaram a sair da diligência. Eram três homens e uma moça, todos bem trajados e com ares de gente importante da cidade. Todavia, Rocky reconheceu de imediato um deles. Era o senhor Jenkins seu patrão. Baixo e magro com óculos sobre um nariz adunco, colarinho alto e engomado, o rico proprietário das empresas Jenkins que constituíam a

maior corporação comercial da região, sorria pela primeira vez para ele. A moça também parecia derreter-se, aliviada e feliz pela providencial ajuda que terminou com o que eles deviam pensar ter sido o fim de cada um. Os comancheros não apenas assaltavam tomando tudo de valor que existisse, como também despojavam suas vítimas das roupas deixando-os nus em pelo, evitando assim que tentassem fugir ou persegui-los. Porém isso só acontecia quando eles estavam de bom humor. Geralmente matavam as vítimas ou sequestravam aquelas que pudessem representar bom resgate. Naquele caso, tanto o senhor Jenkins como a moça seriam esplêndidos exemplares e Rocky entendia o sorriso de satisfação de cada um.

— Pelo que vejo, você é empregado da minha firma — disse Jenkins.

— Sou, sim senhor, e vou indo para o rancho do senhor Mortimer, o Black Horse, levando mercadorias que ele comprou — respondeu Rocky.

— Muito bem, muito bem, meu rapaz — tornou o outro com meio sorriso na fisionomia. — Louvável o seu gesto, mas arriscou-se a destruir a carreta e perder as mercadorias! Imagine se tombasse!

Rocky começou a fazer uma expressão de surpresa e estava prestes a mandar o velho para aquele lugar com emprego e tudo o mais, quando um dos outros homens que viajavam na diligência intercedeu:

— Jenkins, que é isso? Então é assim que trata os seus empregados? Principalmente a um jovem que arriscou sua vida para salvar! Francamente, Jenkins, não entendo!

O patrão de Rocky empalideceu, amarelou e empalideceu novamente. Sua fisionomia passou por mil mudanças e todas elas refletindo apreensão e receio. Sorriu

timidamente com cara de velhaco e erguendo a mão em sinal de calma prosseguiu:

— Mas meu caro Stinson, eu nem terminei... Eu disse isso ao nosso jovem salvador e meu dileto empregado apenas para lembrar que apesar de dono da empresa eu continuo bem a par dos regulamentos impostos aos que colaboram conosco. Mas no caso deste valente rapaz, nenhum regulamento poderia ser invocado porque ele agiu como um verdadeiro homem de Jenkins e Companhia Limitada. Stinson, se você não me interrompesse, eu ia começar a dizer que a partir deste momento este jovem... como é mesmo seu nome?

— Rocky Lance, senhor. É assim que sou chamado — respondeu o rapaz.

— Pois é, Rocky Lance, a partir de hoje você tem um substancial aumento no seu salário como justo prêmio à sua coragem. Lembre-me disso lá no escritório — concluiu Jenkins fazendo um sinal para o outro passageiro que acenou concordando.

Um dos cavalos da parelha de Rocky naquele justo momento resfolegou alto e em bom som, lançando sobre todos uma chuva de perdigotos, fazendo-os olharem-no com raiva. Rocky, entretanto pareceu compreender o aparte do animal e sorriu-lhe agradecido. Entretanto, antes que tudo terminasse por ali o rapaz disse:

— Senhor Jenkins, agradeço-lhe pela consideração. Contudo, já que o senhor se mostra tão compreensivo e generoso poderia pedir-lhe uma coisinha mais? Apenas uma coisa?

Como que arrependido de se ter mostrado tão generoso, o comerciante voltou-se para ele indagando:

— Não está satisfeito com o aumento de ordenado? O que mais quer, rapaz?

— O senhor poderia ordenar ao senhor Barnaby, o guarda-livros, que mandasse instalar um abrigo de lona sobre o banco da minha carroça. O senhor entende, não é? Ê para a gente se proteger da chuva e do sol e da poeira — Rocky aproveitou a oportunidade para. reivindicar aquilo de que tanto reclamava para si mesmo principalmente.

O comerciante ia soltar uma exclamação que só poderia ser negativa à pretensão solicitada, porém percebeu rapidamente a expressão daquele que se chamava Stinson que acenava imperceptivelmente para que acedesse logo e concordou:

— Está certo rapaz, é justo. Procure Barnaby Johnson e diga-lhe que eu mandei que coloque uma cobertura de lona sobre o banco de assento.

Stinson sorria.

E enquanto eles adentravam no coche para prosseguir na viagem o velho Judd acercou-se de Rocky e confidenciou:

— Viu só como o velho malandro obedece ao senhor Stinson? Sabe quem é ele? É o dono do maior Banco do território! E aquela belezinha é filha dele.

Depois lá de cima da boléia ele gritou:

— Deixe as carniças desses comancheros aí mesmo, rapaz. Eu avisarei o xerife de Comstock e ele mandará buscar os mortos se os abutres não aparecerem primeiro.

E estalando o chicote no lombo das parelhas, fez a diligência sair dali e disparar no caminho.

— 13 —

CAPÍTULO SEGUNDO

Entrega muito especial

Uma semana depois, Rocky Lance estava preparando-se para uma nova entrega de mercadorias dos armazéns Jenkins. O velho Barnaby Johnson, atendendo às ordens do patrão, tinha mandado construir uma cobertura de madeira e lona que fora colocada na carreta do rapaz. Com aberturas laterais e uma atrás, ele podia perfeitamente visualizar os caminhos por onde passasse assim como perceber quaisquer movimentos em todos os lados.

Rocky Lance; na verdade não era esse o seu nome, mas poucos sabiam como se chamava realmente. Um moço alto e meio desajeitado agora com vinte e cinco anos de idade. Seu nome real era Rocco Lanzerini, embora tivesse nascido numa pequena cidade do norte de Montana, filho de pais italianos, dos primeiros que emigraram para a América do Norte. Lavradores e ordenhadores mais interessados em fabricar queijo e manteiga, seus pais ficaram no Alabama. Ele pegou a febre do oeste e aos dezoito anos acompanhou um amigo para a Califórnia. Dali seguiu para o Arizona e depois para o Texas. Aprendeu a cavalgar e atirar como qualquer cowboy nascido num rancho de criação. Todavia, decidiu voltar para o Arizona e lá se achava. Seus companheiros de trabalho e amigos a princípio não se acostumaram com o nome italiano. Rocco Lanzerini era

difícil de ser pronunciado e não custou a surgir um apelido que acabou se transformando no seu novo nome, Rocky, uma corruptela de Rocco mais ao gosto americano e Lance, porque era alto e muito magro e ao invés de chamarem-no de vareta, foi batizado por Lance, um diminutivo de Lanzerini e que retratava bem seu tipo. Com dois metros e dez centímetros de altura, magro como um caniço, nariz agudo, olhos azuis e cabelos loiros como espigas de milho seco, ele se parecia mesmo com uma lança.

Experimentou trabalhar na cidade para variar um pouco a sua até então dura vida de vaqueiro, e entrou para a corporação Jenkins com a tarefa de conduzir a carreta de entregas de mercadorias nos ranchos da região. Ainda solteiro e sem nunca ter demonstrado o menor indício de medo ou hesitação diante de uma luta ou de uma tarefa esforçada, se ganhou risotas e foi alvo de chistes dos colegas e de outras pessoas, mereceu também o respeito de todos pela coragem e desenvoltura com que se saía diante dos maiores perigos.

Nunca lhe acontecera nada de mal nas vezes em que executara o trabalho para o empório Jenkins e sempre conseguiu chegar são e salvo das tarefas. Afeiçoou-se aos dois cavalos com os quais permanentemente levava a carreta para os lugares mais diferentes, longe ou perto, e até parecia que eles também não trabalhariam com nenhum outro a não ser ele. Entendiam-se às mil maravilhas.

Naquela tarde seguia pela planície levando uma entrega muito especial para Bluebird, uma pequena cidade no meio de um aglomerado de ranchos ricos e produtivos, razão pela qual existia o Banco dos Criadores onde os clientes depositavam seus ganhos e consideráveis reservas de ouro e dinheiro. A entrega consistia de três dúzias de garrafões de álcool de pinho para ser usado na limpeza dos cofres e

das instalações do Banco. Havia também pacotes com blocos de papel, lápis e outros artigos do estabelecimento que era um dos melhores fregueses de Jenkins e Companhia Limitada.

Bluerbird situava-se bem adiante entre os dois picos rochosos que davam começo às montanhas que, na primavera, esverdeavam com os milhares de pinheiros, eucaliptos e frondosos carvalhos.

Rocky Lance pretendia fazer a entrega e retornar o mais rapidamente possível, detendo-se apenas para descansar a parelha e dar-lhe de comer e a si próprio também, era óbvio. Ele tinha sido convidado e aceitara comparecer no sábado próximo a um baile na cidade e não queria perdê-lo de maneira nenhuma, pois se encontraria ali com a adorável e cativante Cathy.

Catherine Kloster, Cathy, era a garota que mais atraíra Rocky nos últimos tempos. Ela tinha um metro e oitenta e três de altura, magra, loira como ele e muito meiga. O rapaz não se importava nem um. pouco com as sardas que lhe cobriam o rosto, o pescoço e boa parte dos seios, como ele pudera observar um tanto indiscretamente nas raras vezes em que ambos se encontraram e Cathy usava vestidos razoavelmente decotados. Quando estava ao seu lado não chamavam a atenção de ninguém, pois pareciam formar uma dupla perfeita como se fossem feitos um para o outro. Os Kloster até então não tinham se manifestado nem a favor nem contra o rapaz e tudo parecia correr às mil maravilhas. Por isso, esse baile era deveras importante. Mentalmente, Rocky ia rezando ao querido São Genaro de sua mãe para que nada lhe acontecesse, e pudesse entregar a mercadoria e voltar no dia seguinte.

Porém, ao completar uma das muitas curvas que existiam no caminho ao se avizinhar de Bluebird, viu e

ouviu alguma coisa que não lhe agradou. A cidade era muito pequena e vivia praticamente em função daquele Banco. Somente aos sábados e domingos para ali afluíam os rancheiros e seus cowboys de folga animando os saloons e casa de jogos que pelo visto somente eram abertos nesses dias. O que viu foi muita poeira e fumaça no ar e o que escutou foram gritos e sons de tiros.

Porcaria! Será que só encontro encrenca no meu caminho — pensou o rapaz que praguejava para o que considerava um fator de atraso no serviço. Rocky desviou a carreta e tomou um atalho para chegar perto de Bluebird sem ser visto. Deixou o veículo sob uma grande árvore amarrando as rédeas dos animais no tronco após certificar-se de que não haveria perigo de ser encontrado. A pé, subiu a encosta do morro que dominava a principal e única rua da povoação. Parecia deserta, isto é, não parecia não, estava mesmo sem uma vivalma e isso significava que os moradores deviam ter corrido dali fugindo do perigo. E qual era esse perigo? Rocky divisou-o bem debaixo dos seus olhos e do nariz. O Banco dos Criadores ficava na maior construção da vila e bem no princípio da rua. De onde estava, o rapaz podia jogar uma pedra que acertaria no seu telhado. Uns dez cavaleiros atacavam o Banco atirando contra suas janelas, portas e paredes e aparentemente os que se encontravam dentro respondiam também com fogo. Todavia, os assaltantes estavam incendiando as construções vizinhas e não tardariam a atingir o estabelecimento com as chamas. Acontece que as casas próximas eram feitas de madeira e o Banco era o único edifício de Bluebird erguido com tijolos, pedra e argamassa. Por isso resistia às balas e à ameaça de fogo. Entretanto, por quanto tempo? Rocky procurou identificar os assaltantes e descobriu logo que eram chefiados por Buster "Gato Bravo" Kincaid, cujo

retrato e nome figuravam na maioria dos cartazes afixados nas delegacias do território. Os demais, a julgar pelas caras, não deveriam ser menos notórios, julgou o rapaz. Ele estava preocupado, tinha de fazer a entrega e queria voltar rapidamente, pois precisava ir ao baile do dia seguinte. Bolas! Que azar — pensou enquanto ajoelhava-se com uma das pernas examinando o local e os personagens daquele espetáculo. Por onde andaria o xerife? — perguntou a si mesmo, mas logo imaginou o que acontecera. Ou estava dentro do Banco auxiliando na defesa ou saíra furtivamente quando o bando de ladrões entrou na cidade misturando-se entre os que fugiam. Ou então escapulira pelos fundos da delegacia e fora pescar trutas no riacho que corria próximo serpenteando por entre as pedras das montanhas.

Então cogitou de um plano adoidado, mas que outra coisa poderia fazer? E se o senhor Jenkins depois não aprovasse? Para os diabos com o senhor Jenkins! Rocky lembrou-se de que seu pai falara várias vezes num grupo que lá na distante Itália costumava fazer das suas, atacando repartições públicas e comboios militares, e quando o velho italiano mencionara qual o tipo de explosivo que esses rebeldes utilizavam, o então jovem Rocco mal podia acreditar que pudesse dar certo. Veria agora se os anarquistas da velha pátria dos Lanzerini conseguiam ou não os resultados que o papa tanto alardeara. Aliás, Rocky sempre suspeitou, embora não convictamente, de que o papa tinha emigrado para a América do Norte por algum motivo muito importante, pois a mama deixara escapar certa vez que saíram um tanto precipitadamente.

Resolveu pôr mãos à obra e voltou-se até onde tinha deixado a carreta. Tirou cinco garrafões do álcool de pinho da caixa e colocou-os no chão sobre a relva. Pegou um pano velho que utilizava como contrapeso ao arrumar as

mercadorias e rasgou alguns em tiras de dois palmos de comprimento cada. Depois enfiou tudo numa sacola de couro grande que servia para acondicionar objetos relativamente finos e caros e amarrou a abertura. Porém, ao tentar carregá-la, sentiu que o peso era demasiado e corria o risco de se quebrar. Olhou para os cavalos e descobriu a solução. Desvencilhou um dos animais da parelha, aquele que parecia gostar de se meter nas suas conversas resfolegando e lançando perdigotos, e erguendo a sacola colocou-a sobre o companheiro. O animal logo deu a entender que não apreciava nada aquele peso no lombo. Parecia reclamar com alguns grunhidos roufenhos que nada daquilo fazia parte de suas obrigações, e com alguns roncos esquisitos de protesto ameaçou sabotar a caminhada ensaiando uns passos de tartaruga. Rocky percebeu e deu razão ao fiel amigo, mas não podia perder o baile de sábado.

Parou de puxar a rédea e olhando firme para o cavalo disse:

— Está bem, está bem. Fique aqui seu pangaré duma figa! Levarei eu mesmo a sacola, mas não conte com nenhuma refeição lá embaixo, entendeu? E se formos apanhados por aqueles safados que galopam, gritam e dão tiros, não lhe dou uma hora para que o transformem em bifes!

O cavalo pareceu entender, era incrível! Rocky v apanhou o malote e nem havia dado dez passos quando ouviu o trote do animal atrás que parecia querer agradá-lo e pedir desculpas... O rapaz ergueu a sacola e amarrou-a bem. Nem precisou dizer mais nada. O cavalo trotou atrás dele com a melhor das disposições.

— Puxa-saco, covardão — disse Rocky sorrindo.

Voltou ao posto de observação e notou preocupado que os atacantes colocavam madeira e capim seco defronte à

porta principal do Banco pretendendo atear fogo. Certamente as chamas consumiriam aquela entrada e facilitariam o acesso.

Rocky parou para examinar a situação. Tinha que ajudar o pessoal que estava enfiado no interior do Banco e fazer com que os bandidos caíssem fera dali. Só então poderia fazer a entrega das mercadorias, com a falta daqueles garrafões é claro. Mas ele não precisava estar de volta com tempo de ir ao baile com a sua doce Cathy?

Apanhou as tiras de pano enrolando-as e fazendo com que tomassem mais ou menos o aspecto de pavios. Depois introduziu uma a uma nos garrafões cheios.

Os assaltantes, com Buster "Gato Bravo" Kincaid ao centro, concentravam-se agora junto à pira que planejavam incendiar. O rapaz acendeu um palito de fósforo, ateou fogo à primeira mecha de pano e atirou o garrafão lá embaixo. Foi cair quase junto aos bandoleiros que se assustaram com aquele barulho, mas não tiveram muito tempo para ver do que se tratava. O negócio explodiu mesmo e lançou chamas para todos os lados. Dois ou três caíram gritando com os ferimentos que sangravam muito e com as roupas em fogo. Alguns animais correram esbaforidamente relinchando de pavor e jogando seus cavaleiros ao chão. Antes que tentassem adivinhar o que lhes estava acontecendo, Rocky pôs fogo a mais uma tira de pano e atirou o garrafão. Desta vez, até o próprio "Gato Bravo" foi sacudido e lançado longe retorcendo-se de dores e apelando para que apagassem as chamas que lhes cobriam o corpo. Uma terceira e última garrafada e os restantes dos bandoleiros estonteados pareceu desistir e os que estavam vivos deram o fora, a cavalo ou a pé. Mas não chegaram a atingir muitos metros adiante. Alguns homens saindo do Banco atiraram para valer sem se importar se atingiam nas costas ou não, e

com isso ceifaram praticamente a quadrilha de Buster Kincaid. Só então é que Rocky foi visto. Gritaram-lhe e acenaram para que fosse até lá. O rapaz apanhou os dois garrafões que não chegara a utilizar, levou-os ele mesmo com o cavalo atrás e colocou na carreta. Voltou junto ao outro animal amarrando-lhe o arreame e depois subindo ao assento, tocou a carreta para a trilha original. Chegou quinze minutos depois ao Banco.

Os dirigentes, funcionários e fregueses aguardavam a chegada. Pareciam muito felizes e um deles, baixo e gordo em quem reconheceu o senhor Tompkins, gerente-chefe, foi ao seu encontro com as mãos estendidas:

— Muito obrigado, rapaz. Da janela acompanhamos quando estava lá em cima e sinceramente apreciamos o seu espírito e arrojo. Se os bandidos tivessem visto você, pode ter certeza de que o apanhariam. Agradeço em nome do Banco. Seu nome é...

— Sou Rocky Lance, senhor, entregador de Jenkins e Companhia Limitada. Vim especialmente para fazer entrega ao Banco de mercadorias encomendadas ao nosso empório — respondeu o rapaz um tanto encabulado ante tantos sorrisos e acenos de aprovação, e mais do que nunca, desejoso de levar a carreta e os animais ao estábulo para dar de comer aos cavalos. Ele também sentia fome e não desejava outra coisa senão correr até um bar e pedir um bom bife com batatas e pão, e uma cerveja.

O jovem americano filho de italianos desacostumara ao macarrão da mama e nunca fora um entusiasta de vinhos.

Rocky notou então o olhar do gerente-chefe para os estragos causados pelas garrafas incendiárias e antes que o outro falasse qualquer coisa foi direto ao assunto:

— Senhor Tompkins, lamento dizer-lhe que me utilizei de quatro garrafões de álcool de pinho que faziam parte da

entrega especial ao Banco. Poderá deduzir a falta da mercadoria na nota que deverá assinar e devolver-me.

Embora franzindo as sobrancelhas ante os buracos no chão e as manchas nas paredes, o gerente voltou logo a exibir o mesmo sorriso porque naquele instante um sujeito grandalhão que estava no Banco e que depois saíra com os demais empunhando um revólver de cano longo nas mãos, com um vozeirão que parecia ressoar como trovão, exclamou:

— Rapaz, do que está prestando contas? Eu sou um dos maiores acionistas deste Banco e devo lhe dizer que o seu auxílio vale muito mais do que quatro garrafões de álcool de pinho. Vale mais de quatro mil ou quatro milhões porque poderíamos ter sido mortos, assados vivos e perder todo o dinheiro que está aí dentro! Tompkins, que cara é essa? Em lugar de olhar desse jeito devia era oferecer um prêmio ao rapaz!

O gordinho não sabia o que dizer, mas logo que o rancheiro terminou ele voltou a falar:

— Certamente, senhor Hollis, certamente. Eu não havia me esquecido disso pois temos uma verba para recompensas. Fique na cidade, meu rapaz, e amanhã discutiremos uma generosa soma como prêmio pela sua inusitada e proverbial interferência auxiliando-nos.

Rocky sorriu e redarguiu:

— Obrigado, senhor. Se não se importa poderia mandar alguém receber a encomenda e depois assinar o recibo? Eu preciso voltar hoje mesmo e viajarei à noite.

Foi então que surgiu o xerife. Fingia não ver os olhares críticos que lhe eram lançados. O mesmo Hollis não perdoou, porém:

— Onde estava xerife? Certamente vai dizer que não ouviu os tiros e que se achava pescando? Graças a Deus teremos eleição de novo xerife daqui a três meses!

O representante da lei, fazendo de conta que não ouvira, olhou os cadáveres ainda no chão e aqueles que estavam feridos e que tão cedo não voltariam nem a cavalgar ou manejar uma arma, e fazendo um ar alegre dirigiu-se a Rocky:

— Rapaz, somando os prêmios por estes mortos e feridos você vai receber dois mil e duzentos dólares. Vou agora à delegacia preencher a requisição e você poderá sacar aqui no Banco mesmo.

O jovem sentiu as pernas tremerem. Afinal, era uma recompensa pública e ele, embora sem visá-la, abiscoitara o dinheiro. Agora podia se casar!

Deu as rações, fartas e duplas aos animais. Apanhou o recibo do gerente-chefe que fez questão, sugerido por Hollis naturalmente, de lhe entregar também uma carta dirigida ao senhor Jenkins na qual enaltecia o trabalho do rapaz e reiterava os agradecimentos do Banco dos Criadores prometendo tornar-se assíduo freguês do empório.

No bar comeu o seu bife com batatas e bebeu uma cerveja fresca. Depois recebeu o dinheiro da recompensa que guardou zelosamente num bolso interno das calças, descansou sozinho na carreta vazia no próprio estábulo, e mais tarde, quando já estava bem escuro, pois a noite caíra repentinamente, deixou Bluebird.

Assobiava e cantarolava enquanto segurava as rédeas e a parelha de cavalos parecia acompanhar com suas passadas de trote as melodias que ele, feliz da vida, fazia ecoar no silêncio da trilha. Chegaria pela manhã à sua cidade com tempo para um repouso, algum trabalho sem sair da

periferia como lhe prometera Barnaby Johnson, e depois, um bom banho, troca de roupa e o baile.

Aliás ele não foi incumbido de nenhuma entrega naquele sábado. O velho Jenkins satisfeito com a carta do Banco de Bluebird deu-lhe os parabéns e ia dizer mais alguma coisa, porém calou-se porque Rocky impulsivamente contou-lhe que ganhara também uma recompensa por ter acabado com Buster "Cara de Gato" Kincaid e sua quadrilha. O rapaz ficou a imaginar se não teria se adiantado demais, porque lhe parecera que se tivesse mantido a boca fechada ganharia mais um aumento.

Quando ia para o seu quarto de pensão, deparou com o senhor Stinson e a filha que vinham andando pela mesma rua. O banqueiro lhe disse que já tinha sabido do seu feito e elogiou-o, apresentando-o formalmente à moça que se chamava Edith.

— O senhor vai ao baile esta noite? — indagou subitamente a moça com um ligeiro trejeito que dava a entender que desejava algo mais do que uma resposta.

E Rocky mais uma vez foi o mesmo impulsivo de poucos minutos antes quando falava com Jenkins. Respondeu:

— Vou sim, senhorita. Com minha noiva!

Ao ouvir aquilo, Edith Stinson fez um repentino gesto de quem estava aborrecida e imediatamente pediu ao banqueiro que parecia não ter entendido direito o que se passava:

— Vamos, papai. Sabe que não estou gostando nem um pouquinho desta cidadezinha, nem de sua gente.

Rocky tirou o chapéu enquanto ela com um ar petulante e aborrecido apanhava o braço do pai e fazia-o andar mais depressa. O senhor Stinson mal pôde se despedir do rapaz, tal a pressa que subitamente se apossou da filha.

O rapaz enfiou o chapéu na cabeça e voltou a andar, mas seu pensamento estava longe de Edith Stinson e do banqueiro, de Jenkins e tudo o mais. Pensava em Cathy e iria vê-la em seguida na pequena loja onde a garota trabalhava com o pai e os irmãos.

CAPÍTULO TERCEIRO

O inesperado

Era ela quem cuidava de atender os fregueses do sexo feminino embora naquele lugar não houvesse muita discriminação social, exceto quando se tratava de índios e mestiços, é lógico. Cathy preparava os embrulhos e pacotes, recebia e fazia o troco.

Ao parar na porta e avistá-la, Rocky Lance sentiu o coração disparar. Como era bonita, tão alta como ele! E que simpatia! Aquelas obturações a ouro que a garota exibia em alguns dentes superiores em nada diminuíam sua beleza nem o esplendor do sorriso, ao contrário, tomava-o mais iluminado ainda, principalmente com os raios solares batendo em cheio no rosto.

Rocky entrou na loja cumprimentando hesitantemente e com gestos tímidos o velho Kloster e os cinco irmãos de Cathy que responderam com resmungos mais ou menos ininteligíveis, e o mais velho deles, Duncan, não perdeu o ensejo para recomendar:

— Catherine, mais trabalho e menos conversa, ouviu? Você tem aí umas contas para somar e não pode perder tempo com conversa fiada, entendeu?

Rocky sentiu uma vontade danada de pegar naquele saco de batatas que estava à porta e despejá-lo com toda a força sobre o intrometido do Duncan, um sujeito chato e

aborrecido, que de tão ranzinza que era já estava quase careca e necessitava de óculos para enxergar vinte centímetros à frente.

Mas como planejava tomar-se cunhado daquele idiota, deixou passar a coisa.

Acercando-se da garota e olhando antes para todos os lados para ver se estava sendo espionado peles demais membros da família Kloster, e estava rodando o chapéu entre as mãos disse:

— Alô, Cathy, prazer em vê-la. Sabia que eu ganhei um aumento de salário? O senhor Jenkins mandou que daqui por diante eu seja pago com um bom acréscimo, bom, não é?

— É... — respondeu Cathy sorrindo.

— Sabia também que eu ganhei uma polpuda recompensa porque acabei com o bando de "Gato Bravo" quando ele tentava assaltar o Banco dos Criadores em Bluebird?

— Eu já soube, Rocky, que bom, não é? Você sozinho acabou com os comancheros que atacaram a diligência e ainda enfrentou os bandidos em Bluebird, puxa Rocky, fiquei orgulhosa de você, juro! Mas só a noite no baile poderemos conversar, você compreende, não é?

E dizendo isso a garota olhou de soslaio para os lados, porque tanto o velho Kloster como os cinco irmãos não perdiam uma só palavra daquele diálogo.

Duncan não perdeu o ensejo para se intrometer dizendo lá de onde estava atrás do balcão enrolando umas peças de tecido rendado:

— É rapaz, mas não fique muito tranquilo não. O irmão de Buster Kincaid o "Gato Bravo" que você matou, anda pelo território e na hora em que ele souber virá atrás de você

correndo para se vingar. Será que vai ter tempo de aproveitar a recompensa, rapaz?

Rocky não respondeu nem olhou para o aborrecido futuro cunhado, porém ficou com aquilo na cabeça. Irmão de "Gato Bravo"? Bolas, será que teria mais esse problema com que se defrontar? Então notou alguns cartazes coloridos que estavam afixados nas paredes da loja e curioso perguntou a Cathy:

— Que é isso, meu bem?

— Não tinha visto ainda, Rocky? Estão por toda a cidade hoje. É um anúncio do Grande Circo Canadense que deverá vir para cá e estrear na semana que vem. Dizem que é o maior e o melhor que anda atualmente pelo oeste e tem artistas fantásticos. Vai apresentar uma coleção de fenômenos nunca vistos antes no Arizona.

Rocky prestou atenção nos desenhos que retratavam as atrações do Grande Circo. Algumas feras, cowboys, índios com longas plumagens caindo da cabeça às costas, garotas, a mulher barbada, anões, o homem de borracha.

Prometeu a si mesmo que daria um jeito de assistir pelo menos a um dos espetáculos levando Cathy, logicamente, se ela aceitasse e se os abelhudos irmãos não inventassem de ir juntos. Ultimamente o rapaz notava que eles pareciam vigiar mais a irmã. Contudo, Rocky pensava que tudo isso fazia parte do joguinho da mulher difícil, isto é, a fim de fazê-lo pedir oficialmente a garota em casamento. Trabalho perdido da família Kloster. Era ele quem desejava casar-se. Não havia necessidade de tornarem as coisas mais difíceis. Por outro lado, não existia num raio de muitas milhas ao redor da cidade nenhum tipo alto como ele para formar um par tão acertado com Cathy, e com mais de dois mil dólares já guardados.

Foi direto para a pensão da viúva Hawkins onde morava desde que chegara à cidade, e após cuidar de algumas coisas suas no quarto desceu para almoçar, voltando de novo ao seu aposento onde dormiu aproveitando a folga para descansar. Acordou só quando percebeu através da janela entreaberta que já caía a noite. Lavou-se, perfumou-se e vestiu a melhor roupa que possuía mão a seguir para o salão paroquial onde teria lugar o baile que marcava a entrada da primavera.

Defronte ao galpão de madeira que se erguia ao lado da igreja já se encontravam presos pelas rédeas inúmeros cavalos, charretes e carruagens. Lá de dentro do salão, vinham os acordes musicais de violinos, guitarras e sanfonas.

Mas Rocky não entrou imediatamente. Primeiramente foi até o bar do velho Brad Mitchum e pediu um trago para dar coragem, explicou ao outro enquanto engolia o uísque. Brad sorrindo com aquele seu jeito velhaco de mexeriqueiro e gozador, não perdeu a oportunidade e exclamou:

— Então o nosso herói precisa de umas e outras para criar coragem, ouviram isso amigos?

As pessoas que estavam encostadas ao balcão ou sentadas nas poucas cadeiras que havia junto a um pequeno número de mesas riram, mas não emitiram comentários. Rocky olhou-as acenando em cumprimento e não se mostrou preocupado quando o velho Brad para arrematar concluiu:

— Sabia que "Gato Bravo" tem um irmão foragido que é uma fera? Cuidado com ele, rapaz.

Lance jogou uma moeda sobre a balcão e com aquele meio sorriso habitual ergueu a mão em despedida e saiu. Não se dignou a replicar o velho Brad porque sabia que ele apreciava uma conversa longa e palpiteira.

Voltou ao salão paroquial pagando o ingresso e entrou. À entrada, um ajudante do xerife recebia as armas levadas pelos homens e pendurava todas elas dentro de um pequeno armário. Assim, se houvesse algum quebra-quebra lá dentro, a menos que conseguissem contrabandear algum revólver ou faca bem escondidos, não haveria tiros nem ferimentos sangrentos.

Rocky perscrutou o ambiente com os olhos atentos e divisou a garota. Cathy esperava-o sorrindo. A garota sobressaía-se entre as demais pela estatura, trajava um longo vestido de seda cor-de-rosa e parecia mais bela do que nunca. Rocky sentiu o coração pulsar mais forte.

Foi até junto dela cumprimentando o casal Kloster e os irmãos, todos sentados num banco encostado à parede.

A mãe de Cathy emitiu um riso cacarejante, deixando transbordar a felicidade de que estava possuída ao ver a filha requestada por um rapaz como Rocky. O velho Kloster fingiu com olhar indiferente mostrar-se nem satisfeito nem infeliz. Os irmãos de Cathy ergueram os olhos como que medindo dos pés à cabeça aquele que fitava-os sorrindo, lá de cima. Rocky procurou mostrar-se respeitoso e educado. Afinal, não era aquela a família de sua amada e não se tornariam, feliz ou infelizmente, seus parentes?

Convidou-a para dançar e bailaram uma vez, duas vezes. Quando passavam perto do lugar onde os Kloster se achavam afastavam os corpos um do outro, porém quando chegavam do outro lado do salão, ele apertava-a mais um pouquinho. Cathy fazia um arzinho de quem não gostava e delicadamente com uma das mãos empurrava-o devagar, um meio centímetro.

Depois os dois foram até a comprida mesa nos fundos tomar um ponche.

Nesse justo momento ouviram-se fortes sons de cascos de cavalos batendo sobre o solo. Uma tropelia que indicava ser mais de um homem montado. O galopar cessou quando se percebeu que estava defronte ao salão paroquial. Os músicos pararam de tocar e ficaram ansiosos e temerosos na expectativa. Os que dançavam ou estavam sentados silenciaram olhando-se um para o outro interrogativamente. O ajudante do xerife que ficara à porta recolhendo as armas apareceu com um ar inequívoco de pavor na fisionomia e sem nada dizer empurrando uns e outros tratou de dar o fora escapulindo por uma das portas laterais que ele mesmo abriu.

Então foi água na fervura, pois alguém lá da entrada gritou:

— Cuidado, pessoal! É o bando da família Hampton.

Um uníssono "ooohhh!" percorreu os presentes e logo a seguir foi um corre-corre infernal. Os músicos abandonaram seus instrumentos e trataram de sair dali; os pares se dissolveram num passe de mágica; todos se ergueram ou procuraram as portas.

Os Hampton eram uns tipos temidos, repulsivos e representavam constante terror para as pacatas famílias de Phoenix. Constituíam-se do velho Vince e seis filhos, todos cabeludos, barbudos e malcheirosos. Os que se acercavam deles diziam que deviam dormir num estábulo, comer num chiqueiro e lavar-se com os excrementos dos porcos e das vacas.

Bebiam como gambás quando vinham à cidade inesperadamente e praticavam tiro ao alvo nos infelizes que por azar se achassem por perto.

Felizmente a bebedeira quase sempre os impossibilitava de melhorar a pontaria ou de acertar em alguém, e no final, quando se decidiam a retornar para o seu

malbaratado rancho, deixavam um saldo de feridos nas nádegas, nas pernas e nos braços, mulheres com vestidos rasgados, vidraças e vitrinas espatifadas, buracos de balas nas paredes e nos letreiros.

Alguém no meio daquela balbúrdia proclamou alto:

— Logo agora que o xerife Harris saiu de Phoenix e levou os seus melhores ajudantes! Por que tinham que chamá-lo logo hoje para um simples caso de roubo de gado? Não viram o poltrão do Bill dando o sumiço daqui?

Ouviram-se mais tiros que fizeram os lampiões dependurados no teto balançaram e logo após as paredes pareciam estremecer com os golpes e pontapés desferidos para arrombar a porta de entrada.

Rocky lastimou-se.

— Ora essa! Justamente nesta noite quando eu estava preparando-me para pedir Cathy em casamento!

Nem bem terminou de murmurar essas palavras e escutou-se um tremendo baque. A porta deixou de resistir indo parar no meio do salão, e entraram os Hampton.

Nick Hampton o mais moço deles com uns trinta anos de idade, tinha uma garrafa de uísque numa das mãos; um revólver na outra e estava à frente.

Seu pai surgiu logo ao lado, com bebida e saliva escorrendo pela espessa barba negra e branca. Tinha ele como os filhos um olhar desvairado e um sorriso malvado na boca de poucos dentes manchados de nicotina e outras sujeiras.

Erguendo os braços com um revólver em cada mão e com as pernas bamboleantes bem abertas rugiu espargindo perdigotos por todos os lados:

— Então, seus cretinos! Hominhos e mulherzinhas bem vestidos e bem perfumados, hein? Seus pulhas! Fazem festa e não convidam os Hampton! Não somos por acaso

fazendeiros como vocês e morando no mesmo condado? Que bons vizinhos me saíram, bastardos.

Ninguém ousava se mexer um centímetro sequer.

O velho Vince Hampton soltou uma gargalhada e inquiriu:

— Quem foi que organizou esta porcaria de baile?

Busby, um tipinho franzino todo vestido de preto e colarinho engomado que era agente do correio e tocador de violino nos bailes e festas da cidade, respondeu pressurosamente com sua vez esganiçada:

— Foi o reverendo Julián, senhor Hampton.

— E onde se meteu agora esse seboso ministro de Deus? — indagou Nick Hampton com raiva na voz.

Todos começaram a se entreolhar, mas nisso alguém falou:

— Estou aqui, rapaz — era o pastor da cidade que entrara naquele momento pela porta dos fundos.

O outro mirando-o com desprezo interpelou:

— Por que não nos convidou?

O pároco não era nenhum covarde e parecia não temer o arruaceiro. Respondeu impassivelmente:

— Porque esta é uma reunião festiva para as famílias honradas e decentes da cidade. Não convidaria nunca uns tipos desrespeitáveis como...

Não terminou a frase.

Os revólveres de Nick e Vince Hampton detonaram simultaneamente. Se estavam bêbados, desta vez a pontaria foi certeira.

O reverendo Julián levou a mão ao peito de onde brotava sangue que se espalhava pela camisa e paletó e sem dizer uma só palavra caiu ao chão.

As mulheres gritaram histericamente e um murmúrio percorreu o salão, entremeado de gritinhos. Mesmo alguns

homens fizeram menção de se mexer dos lugares de onde estavam para ir até onde estava caído o reverendo em meio a uma poça de sangue, mas os Hampton atiraram para o alto gritando:

— Quietinhos onde estão, seus cretinos. Quem se mexer de novo leva tiro até se juntar ao apóstolo aqui no céu ou no inferno.

Rocky Lance que estava sozinho num canto assistia a tudo, mas sua mente desesperadamente pensava numa saída para acabar com o pesadelo. Cathy logo no começo da intromissão dos Hampton correra a refugiar-se junto dos seus pais e irmãos que permaneciam mais calados do que uma rocha. Aliás, com quase todos ocorria o mesmo e se tremores abalassem o salão ele ruiria logo.

Entretanto, um dos irmãos Hampton entrou trazendo seguro pela gola do casaco Bill Baxton o amedrontado ajudante do xerife que fora o primeiro a escapulir dali. O infeliz parecia choramingar e tremia como vara verde. Foi jogado ao chão ali permanecendo com o rosto voltado para o assoalho e encolhido.

O velho Vince tomou a palavra novamente e erguendo o braço com um revólver na mão gritou:

— Vamos dar-lhes um castigo por terem se esquecido de nós, os Hampton. Filhos, tirem tudo que eles tiverem nos bolsos, revistem as damas e se algumas delas tentarem resistir arranquem suas roupas. Vão aprender a respeitar uma família honesta.

Honesta? Ora bolas! Rocky Lance prosseguia trabalhando com os miolos para encontrar uma saída. Honesta? Todos sabiam que aqueles homens viviam roubando gado dos ranchos vizinhos.

O rapaz sabia que Cathy não iria, nem por livre e espontânea vontade, nem forçada, deixar-se roubar. Ela

ostentava naquela ocasião alguns anéis, brincos e pulseiras e alguns deles, os mais humildes naturalmente, foram presentes de Rocky. A lembrança disso contribuiu para que o rapaz sentisse um formigamento de raiva percorrer-lhe o corpo. E se despirem a minha meiga e querida Cathy ali na frente de toda a gente? — pensou Rocky sentindo um suor frio descer-lhe pela espinha.

Os Hampten deixaram dois dos seus rapazes de armas em punho na porta da frente e com Bill Baxton seguro por um deles rumaram para o fundo do salão chutando bancos e cadeiras e os instrumentos musicais que encontravam pela frente. Esqueceram-se do armário na entrada onde estão as armas dos homens — lembrou-se Rocky torcendo mentalmente para que o amedrontado do ajudante do xerife não resolvesse de repente contar isso aos barbudos.

E silenciosamente com largas passadas, aproveitando-se da momentânea atenção voltada pelos Hampton para alguns senhores e senhoras ricamente adornados de relógios e anéis de ouro e colares reluzentes, foi em direção ao armário esgueirando-se através das pessoas que se comprimiam. Quase todos juntavam ao receio do saque a preocupação pelo brutal assassínio do reverendo Julián cujo corpo permanecia estirado no chão. Também pareciam ansiosos por se verem despojados de seus pertences o mais depressa possível para fugir dali e voltar aos seus lares. Essa preocupação fazia com que mal notassem a atitude de Rocky que teve sorte na sua intentona.

Um dos Hampton atirou no lampião que ficava precisamente daquele lado e o canto do salão próximo da porta de entrada mergulhou na semi-escuridão.

Rocky Lance pôde chegar até o armário e juntando todas as forças puxou a porta abrindo-a e deixando ver os

cinturões com armas, munições e facas de muitos tipos e tamanhos.

CAPÍTULO QUARTO

Família unida morre unida

Perto dali e sob o domínio dos malfeitores, estavam dois conhecidos do rapaz que lhes fez um rápido sinal para que se aproximassem sem que os Hampton percebessem. Eram Ricky, irmão de Caty o caçula da família e Buck Malone que já tinha sido comissário do xerife. Rocky pediu-lhes por sinais que apanhassem as armas que ele ia jogar-lhes. Assim que teve em mãos dois cinturões com revólveres nos coldres atirou-os aos dois que imediatamente apanharam.

— Quando eu começar a atirar metam chumbo nesses miseráveis — gritou-lhe Rocky.

Mas foi percebido por Nick Hampton que intrigado pela ligeira movimentação naquela parte do salão interpelou Rocky:

— Ei, que é isso aí? Você, caniço, venha imediatamente para este lado.

O rapaz não lhe deu tempo para mais nada. Já com um Colt na mão apontou para o matador do reverendo e apertou o gatilho várias vezes. Com um ar espantado na fisionomia o facínora começou a emitir um grito. Não prosseguiu, pois, as balas acertaram-no na fronte e no rosto fazendo com que rodopiasse como um pião e depois desabasse pesadamente ao chão.

O velho Vince, que parecia espantado e incrédulo, lançou um grito enquanto corria para o filho morto. Todavia, Rocky não lhe deu tempo para chegar até o corpo. Mandou-lhe uma bala que acertou o chefe da família criminosa exatamente entre os olhos. Vince Hampton caiu perto de Nick.

Colocando-se em posição de apanhar os invasores e assassinos, os três rapazes não erraram os disparos a seguir. Os restantes dos irmãos não puderam revidar nem fugir ou se entregar pois outros participantes da. festa apanharam armas e participaram do tiroteio que liquidou os bandidos.

Minutos depois os cadáveres dos sete membros da família Hamptop estavam lado a lado no meio do salão.

— Família unida, morre unida — disse Rocky olhando-os com desprezo.

Todavia, o rapaz parecia ter mais alguma coisa para fazer pois não se considerava ainda satisfeito. Procurou com os olhos as pessoas que o fitavam admiradas e sorrindo felizes, e não encontrou quem desejava, então gritou:

— E Busby, o rato covarde, onde está?

O encarregado do correio e violinista das festas e bailes de Phoenix foi violentamente agarrado por um robusto vaqueiro quando tentava dar o fora pela porta dos fundos. O sujeitinho choramingava como uma mulher, enquanto bradava:

— Eu não sabia... não tive a intenção... não sabia que eles iam matar o reverendo.

Sarcástico, Rocky interrompeu-o:

— Por que correu a dar o nome do pastor Julián? Mexeriqueiro e intrometido, não é seu pulha! Ninguém ia dizer coisa alguma, mas o ratinho teve que abrir a boca, não foi? Tem dez minutos para sair da cidade e nunca mais colocar os pés em Phoenix, entendeu?

O homenzinho esperneou gritando que lhe desse mais prazo e olhou angustiado e chorando para os demais. Todos voltaram-lhe as costas ou fizeram gestos de quem cuspia na sua direção.

Humilhou-se ficando de joelhos e mãos postas pedindo perdão, porém todos olhavam para ele como se fossem canibais famintos ao_ redor de um gordo e róseo prisioneiro.

Rocky tomara conta da situação e fazendo-o erguer-se seguro por uma orelha disse com o rosto quase encostado no outro:

— Não entendeu! Caia fora e já vamos começar a contar os minutos.

E voltando-se para Buck Malone:

— Malone, veja se ele sai mesmo. Caso ele não for embora, vamos pendurá-lo na árvore do bebedouro mais próximo.

Busby gemeu e correu para fora e não demorara os dez minutos concedidos, pois ouviu-se um galope de cavalo que desaparecia pela rua em direção à estrada. Rocky tinha uma coisa mais a acertar e foi justamente o alvo do seu olhar quem naquele momento fazendo uma pose de autoridade e vendo que não tinha mais nenhum perigo a enfrentar, dizia para os circunstantes:

— Tudo em ordem... tudo em ordem, amigos. Acabamos com a camarilha dos Hampton.

Levem o corpo do reverendo Julián para a casa paroquial e joguem os cadáveres desses abutres malcheirosos no portão do cemitério para serem enterrados todos juntos amanhã bem cedo.

Rocky, entretanto, pretendia acertar o passo do sujeito e avançando em sua direção tomou-lhe a arma enquanto dizia sarcasticamente para Bill Baxton o ajudante de xerife:

— Escute aqui seu coisa. Todos vimos quando você se acovardou à chegada dos Hampton e tratou de sumir logo que eles entraram aqui. Não mexeu uma palha para ajudar o povo que estava aqui dentro e só pensou em salvar a própria pele. Vamos relatar isso ao xerife Harris e garanto que se ele não puser você a correr daqui para fora, a população o fará. Agora deixe de bancar o que não é, pois será quem terá de levar essa carniça para o cemitério e enterrar hoje mesmo, entendeu? Nós cuidaremos do reverendo.

Bill não encontrou nenhum apoio dos demais e evitando desafiar aqueles olhares rancorosos que se concentravam sobre ele abaixou a cabeça e pôs-se a desincumbir da tarefa inglória de levar os mortos sem uma só pessoa para o auxiliar.

Cathy olhava orgulhosamente para Rocky Lance e até seus pais e irmãos haviam modificado a maneira de fitar o rapaz. Os Kloster pareciam ter encontrado de repente uma mina de ouro.

Enquanto todos saíam falando quase que ao mesmo tempo e cumprimentando o rapaz, o ajudante do xerife entrava e saía levando um a um os corpos dos Hampton.

Rocky acompanhou a moça e os pais com os irmãos respeitosamente silenciosos caminhando atrás até a casa onde moravam. O rapaz tomou então uma coragem antes nunca externada e pediu a Cathy que ficasse com ele mais um pouco conversando. A garota, um tanto surpresa, olhou-o e depois para a família, mas precisamente Duncan, o aborrecido, o chato, e que escutara ó pedido do rapaz, foi quem falou um tanto apressadamente:

— Papai... mamãe... Rocky quer ficar conversando alguns minutos com Catherine aqui fora. Podem ficar, não

acham? Que é que tem se vão palestrar um pouco e na frente da casa? Concordam?

O senhor Klosier e a senhora olharam um para o outro e depois voltaram-se para os jovens:

— É isso mesmo, filhinha querida. Por que não? Mas somente por uns minutinhos, entenderam? Se fossem noivos poderiam permanecer mais tempo. Não é isso mesmo, mamãe?

A velha senhora Kloster com um sorriso de quem estava ficando livre de uma pesadíssima carga cacarejou apressadamente:

— Conversem, conversem, meus filhos.

Havia uma árvore frondosa bem próxima do portão de madeira que separava a casa da rua e Rocky conduziu Cathy para ali. Quando o rapaz se aproximando mais colocou um braço em torno da sua cintura, ela fingida ou seriamente, argumentou que se o seu pai ou alguns dos irmãos a visse assim acabaria com o namoro ali mesmo.

Mas Rocky colocou o outro braço puxando-a ainda mais fortemente e olhando-a bem de frente com um estranho sorriso indagou:

— Acabar com o nosso namoro? Eu é que decidi acabar com ele. E vai ser muito em breve, Cathy. Deveria ter feito isso lá no baile, mas a visita dos Hampton atrapalhou e agora terá que ficar para outra ocasião. Jenkins na saída do salão mandou me dizer que precisa falar amanhã bem cedo comigo e acredito que será para me mandar nalguma nova viagem de entrega. Assim você vai ter que aguardar para acabarmos de vez por todas com o nosso namoro. Não aguento mais as intromissões dos seus irmãos nem as maneiras de seu pai. Parece que me vigiam como se eu fosse um criminoso e eu não sou.

Cathy parecia surpresa e chocada. Seus lábios tremiam e foi um tanto debilmente com voz chorosa que encostando-se nele disse:

— Oh Rocky, e você me diz tudo isso assim friamente como se fosse algo muito fácil... Oh, que decepção. Logo agora que minha família estava planejando... isto é, estava querendo tê-lo mais perto e frequentando a casa... e eu que o amo tanto!... oh, por quê?

Lance riu e abraçou-a:

— É isso mesmo, minha queridinha. Só que você não ouviu nem esperou pelo final. Quero acabar com o namoro sim e transformá-lo em noivado. Cathy, pretendo me casar com você, querida.

O choro e amargura foram substituídos por alegria e felicidade na fisionomia de Cathy que o abraçou pelo pescoço concedendo a Rocky a suprema ventura de poder enlaçá-la mais apertadamente e de beijá-la nos lábios sem muita pressa em descolar a boca. Rocky parecia ter ficado sem fôlego quando falou:

— Depois que eu concluir o que tenho pela frente, voltarei e pedirei você em casamento.

— Rocky, que felicidade! Tenho certeza de que todos em casa vão adorar por tê-lo como meu noivo. Sabia que o mano Ricky lá no salão só falava em você? Tornou-se um admirador incondicional de Rocky Lance.

Despediram-se com outro prolongado e ardoroso beijo e cada qual foi para casa.

Na manhã seguinte, Barnaby Johnson informou-o de que o velho Jenkins desejava falar com o rapaz imediatamente. O dono da Jenkins e Companhia Limitada era todo-sorrisos e até mesmo levantou-se da sua poltrona atrás da escrivaninha para recebê-lo apertando efusivamente as mãos de Rocky.

— Meu rapaz, desse jeito vou ter de convidá-lo para se tornar meu sócio, ou gerente-geral, ou então correrei o perigo de ficar sem você. O senhor Stinson partiu esta madrugada, mas disse-me antes que lhe transmitisse um convite para ir a Tucson e trabalhar com ele no Banco ganhando cinco vezes mais do que aqui. E o prefeito Madigan bem cedinho hoje, disse para mim na rua que vai pedir-lhe para ser o próximo xerife de Phoenix se não quiser aceitar outro emprego. Porém a Jenkins e Companhia Limitada não tem por hábito deixar homens da sua estirpe escapulirem de suas mãos. Peça o que quiser, meu rapaz, e estando dentro de minhas posses lhe concederei aqui na firma.

Rocky pensou um pouco, depois agradeceu e replicou:

— Agradeço senhor Jenkins. Por enquanto preferiria continuar como estou. Se daqui a uns três meses eu decidir outra coisa pedirei licença para falar com o senhor.

Embora surpreso e desconfiando de que o rapaz tinha já algo em mente o velho comerciante bateu-lhe nas costas afavelmente redarguindo:

— Bem, se é o que deseja..., mas que negócio é esse de pedir licença para falar comigo? Quando quiser é só bater na porta, entendeu?

E quando o rapaz ia saindo:

— A propósito, Rocky e antes que me esqueça, a senhorita Edith Stinson mandou-lhe parabéns pelo seu feito de ontem a noite no salão paroquial e endossou o convite de seu pai para que vá trabalhar em Tucson. Eu até o influenciaria para aceitar porque Stinson é um velho amigo e o seu Banco financia alguns empreendimentos meus fora desta casa, mas como não quero arriscar-me a perdê-lo fico feliz em que continue.

Barnaby Johnson embora estranhando a recusa de Rocky e sem saber o que o rapaz efetivamente tinha na mente, disse-lhe que, sendo assim, tinha para o dia seguinte uma missão especial para ele.

Rocky Lance tornara-se figura popular em Phoenix naquele dia.

À noite não procurou Cathy pois prometera revê-la somente depois para pedi-la em casamento. Todavia, devido à muita insistência de amigos entrou no principal saloon da cidade para tomar uma cerveja gelada, quando deparou com o xerife Harris que acabara de retomar à cidade e já fora inteirado de tudo o que ocorrera. O representante da lei tratou a rapaz com muita afabilidade dizendo:

— Não o censuro por ter feito correr daqui o pulha do Busby. Eu não apreciava muito aquele verme porquê de há muito desconfio que ele violava correspondência de muitas pessoas aqui abrindo as cartas e inteirando-se de seus conteúdos, fechando-as de novo antes de fazer a entrega. Não consegui provas suficientes, contudo, um dia ou outro ele acabaria cometendo algum deslize e o pegaria. Também não gostei do papel que meu ajudante Baxton desempenhou fugindo e só reaparecendo depois que os danados dos Hampton já estavam esticados no chão.

Hoje mesmo e de comum acordo com o prefeito já mandei esse poltrão passear. Gostaria de tê-lo como meu ajudante, Rocky, mas sei que você pode ganhar muito mais no serviço que tem com o senhor Jenkins. Antes de ir gostaria de lhe avisar duma coisa. O falecido Buster "Gato Bravo" Kincaid tem um irmão também foragido da justiça que anda cometendo tropelias no território. Ele não demorará a saber do que aconteceu ao outro em Bluebird e procurará o responsável. Não se esqueça, e tome

precauções. Se ele aparecer por aqui e eu souber deixe por minha conta, não faça nada que caiba a mim. Mas você viaja muito e deve precaver-se contra emboscadas nas estradas. Até logo meu rapaz e boa sorte.

Apesar das rodadas de cerveja, dos abraços e dos cumprimentos recebidos, Rocky Lance ficou com uma pontinha de preocupação no cérebro. Ele não sentia medo de ninguém desde que reconhecesse o adversário e cara a cara, mas temia uma tocaia ou um tiro à traição.

Agora que parecia ter encontrado uma oportunidade para melhorar a situação e por fim decidira-se a ficar noivo da garota que amava planejando para mais tarde mandar buscar a família em Montana, ou pelo menos convidar os velhos pais e irmãos que desejassem mudar para o Arizona, não gostava de sentir preocupações. Não desistiria de prosseguir naquele trabalho de entregador de mercadoria até que encontrasse o que ele procurava. Rocky não dissera a ninguém nem mesmo a Cathy. Ele desejava possuir um pequeno rancho nas cercanias de Phoenix e adquiri-lo para nele morar com Cathy ao se casar. Por isso é que não aceitara as propostas do senhor Jenkins, nem do prefeito e tampouco do banqueiro Stinson em Tucson. Com os dois mil e quinhentos dólares que possuía poderia dar de entrada no pagamento do almejado rancho e sabia que não teria dificuldades em obter financiamento no Banco.

Na manhã seguinte compareceu ao empório e Barnaby Johnson disse-lhe qual seria a sua próxima incumbência especial. Levaria galões com óleo composto para um dos maiores ranchos do território em Douglas. Tinha aparecido uma estranha peste que atacava parte do gado ali e seus proprietários apelaram para Jenkins que era o único distribuidor do remédio para mandar-lhes o produto. Rocky nunca tinha viajado com entregas para Douglas, mas sabia

perfeitamente que era uma das principais cidades bem ao sul do Arizona quase na fronteira do Texas.

Barnaby com uma cara de velório olhou-o como se estivesse vendo o rapaz pela última vez e murmurou:

— Há um pagamento extra por essa entrega e o senhor Jenkins já autorizou a dá-la a você. Mas há também... — e silenciou.

— Diga, não fique emperrado na metade, que diabos! — reclamou Rocky.

— Na trilha para Douglas há muitos índios e bandidos — concluiu Barnaby solenemente.

Isso fez o rapaz lembrar-se de que deveria examinar bem suas armas e abastecer-se de munição. Com a ajuda do velho despachante e guarda-livros preparou o seu pequeno arsenal particular e depois de carregar a carreta e animar os cavalos com afagos e tapinhas no lombo, despediu-se de Barnaby e dos demais subindo para o assento coberto e assobiando para parelha pôr-se a andar.

Antes de buscar a saída passou pela pequena loja dos Kloster porque não resistira à saudade, e rapidamente despediu-se de Cathy que tinha os olhos marejados de lágrimas. Desta vez o velho e os irmãos não fingiram ignorá-lo, ao contrário, vieram cumprimentá-lo e desejar-lhe boa sorte. Depois, como que obedecendo a um sinal combinado, retiraram-se sem qualquer recomendação à moça como faziam antes, para que os jovens não se demorassem na conversa. Até mesmo não espionaram os dois. Cathy coitadinha, não resistindo à alegria deve ter contado a eles que vou pedi-la em casamento — pensou Rocky apreciando aquela consideração.

Antes de partir deu rápido beijo na moça e para sua surpresa ela alçou os braços e prendeu-o pelo pescoço fazendo demorar aquele carinho.

O rapaz também apreciou aquele inusitado apreço e montando na carreta tocou os cavalos para diante dirigindo-se no rumo sul.

Na entrada da cidade deparou com vários carroções e cavaleiros. Pelas cores exóticas das pinturas nas viaturas e nas faixas, pelos cartazes berrantes e indumentárias das pessoas, percebeu que afinal o Grande Circo Canadense chegara a Phoenix.

Acelerou aproveitando a brisa matinal sentindo no rosto o aroma perfumado e agradável da campina que se estendia uma imensidão de milhas à frente. Deparou com poucos viajantes nas primeiras horas de jornada, diligências, patrulhas da cavalaria, carroças e vaqueiros indo e vindo dos ranchos. Escolheu um local pitoresco e agradável à beira de um riacho sem perigo de ser surpreendido para fazer a primeira refeição do dia, que ele mesmo preparou com gêneros que sempre conduzia para essas ocasiões, pois pretendia jantar à noite na cidade. Dormiu uma hora mais ou menos à sombra das árvores e deixou livres os animais nas proximidades para descansarem. O rapaz desde que chegara ao oeste adotara o hábito da siesta, ou seja de dormir depois do almoço, e nada melhor do que uma frondosa árvore num recanto solitário para desfrutar daquele relaxante repouso. Depois que acordou foi até o córrego lavando o rosto, chamando os animais que obedientemente acorreram a um seu assobio. Encilhou a parelha, armou a cobertura de lona do seu assento pois o sol a enfrentar dali em diante não era para brincadeira e prosseguiu a jornada até que ao findar da tarde chegou a um dos postos de troca de parelhas da linha de diligências. Aliás uma das carruagens se encontrava ali e naturalmente no interior da casa os passageiros,' cocheiro e guarda jantavam.

Rocky não pretendia fazer naquele lugar a sua última refeição do dia e estacionando a carreta num dos lados da construção rústica de toros de madeira que servia como posto da diligência e estábulo para os animais trocados, amarrou-a pelas rédeas certificando-se de que não havia perigo de alguém surrupiar a carga, e depois dirigiu-se para a porta de entrada do salão-refeitório. Ao entrar foi reconhecido por um dos empregados da companhia de diligências que exclamou entusiasmado:

— Lance, que surpresa. Fiquei sabendo que você acabou com o "Gato Bravo" e sua quadrilha em Bluebird e que há poucos dias liquidou com os Hampton em Proenix. Rapaz, você está ficando famoso no Arizona, quem diria hem!

O que assim falou era Doug Mathews que trabalhava para a Wells & Fargo como correio a cavalo e amigo antigo de Rocky.

— Não me diga que continua entregando pacotinhos para aquele unha-de-fome do Jenkins! — indagou Doug.

— Por uns tempos ainda, está a serviço? — replicou o rapaz.

— Sim, e vou voltar precisamente pelo mesmo caminho que você acaba de fazer. Levo correspondência de Tucson para Phoenix e quer saber duma coisa curiosa? Há um envelope justamente para você no meu malote, uma carta para entrega especial! — disse Doug sorrindo maliciosamente sem que Rocky entendesse.

Ato contínuo o mensageiro do pony-express levantou-se e indo até um balcão próximo apanhou uma bolsa de couro que carregava a tiracolo abrindo-a e extraindo do pacote de envelopes um sobrescrito entregou ao rapaz. Este pegou-o e examinou não reconhecendo a letra com que foi

escrito seu nome, mas guardou num dos bolsos para ler depois.

— E para onde você vai indo, Lance? — perguntou Doug Mathews.

Rocky sorriu e respondeu:

— Para a cidade que tem exatamente o mesmo nome seu.

— Douglas? — e o correio a cavalo ficou preocupado, prosseguindo logo a seguir. — Puxa vida! Você não tem outro caminho? Não poderia desviar-se?

O rapaz estranhou:

— Mas do que é que me está falando? Não entendo, juro.

— Lance, refiro-me aos comanches que estão no Red Pass há dias lutando com as tropas da cavalaria e as brigadas de voluntários civis do território. Você não sabia mesmo ou não lhe preveniram de nada em Phoenix? Os malditos índios e seus aliados comancheros vieram do México e se encontram quase que cercados bem no meio do caminho para Douglas. Tive sorte de não precisar passar por perto deles porque estou vindo de Albuquerque no Novo México. Rapaz, por que não espera por aqui até que as coisas se acalmem e os soldados eliminem os comanches e os comancheros?

Rocky que refletia sobre tudo o que o outro estava dizendo abanou a cabeça:

— Não, Doug. A entrega que tenho de fazer é muito urgente e alguns rancheiros de lá me esperam. Mas é para deixar a gente preocupado pois o meu caminho passa justamente pelo Red Pass e não há jeito de desviar. Que maçada!

— Bem, pode acontecer que quando você chegar lá amanhã a cavalaria já tenha desalojado os índios e seus compadres comancheros — argumentou Doug Mathews.

— É, pode acontecer — redarguiu Rocky sem muito entusiasmo.

Entretanto, ele se sentia um tanto preocupado. Todavia, não perdeu o apetite com as más notícias do amigo e jantou com satisfação. Os passageiros e condutores da diligência terminaram de comer e após. alguns minutos de conversa subiram para os seus lugares. O veículo partiu dentro da noite escura, desaparecendo momentos após na trilha oposta àquela que vinha de Phoenix. Doug Mathews conversou mais algum tempo. Despediu-se de Rocky e montando no seu alazão, disparou pelo mesmo caminho. O rapaz ficou somente com a companhia do mestiço mexicano que tomava conta do posto de troca, tomando uma cerveja fresca e descansando por alguns minutos. Depois verificou a parelha de sua carreta e nada encontrando de anormal subiu para o seu lugar e tocou para a frente.

CAPÍTULO QUINTO

Um contratempo no caminho

Contudo, o seu pensamento estava dirigido agora para a sua meiga e querida Cathy. Lembrava-se dela e do ardoroso beijo que haviam trocado quando se despediram, e mergulhado nesse doce enlevo afastava da cabeça os comanches e comancheros.

Na planície a noite tem suas compensações para os que nela viajam sozinhos. Apenas ruídos de animais e aves noturnas como coiotes, por exemplo, que vagueiam à procura de algum inesperado jantar aproveitando-se da ausência dos abutres que sempre chegam primeiro, porém evitam a noite. Alguns coelhos atravessam celeremente o caminho sem assustar os animais que pareciam acostumados àquele trabalho.

Já tinha ultrapassado a área aplainada dos campos e defrontava-se agora com a parte onde o terreno era tomado pelas pedras e cactos além de outras vegetações espinhentas que marcavam os limites da planície com os montes fronteiriços, cujos picos podiam ser vistos no horizonte não muito distante. Atrás deles situava-se Douglas. Contudo, entre Rocky e o seu destino estavam os índios.

Não acelerou o trote dos animais. Ao contrário, deixou-os livres para marcharem à vontade sem se cansar porque sabia que de um momento para outro seria obrigado a exigir

da parelha maior esforço. Dormiu sentado enquanto a carreta sacolejava devido às pedras e acidentes da trilha.

Foi quando repentinamente os cavalos bufaram surdamente e quase frearam a viatura, que ele despertou completamente segurando melhor as rédeas e ficando atento ao que poderia estar acontecendo. Uma fuzilaria intensa ecoava por todos os lados e se fazia ouvir mais à frente.

Alçando-se no banco o rapaz procurou lobrigar o que estaria ocorrendo, pois se a luta se desenrolava justamente na estrada, não pôde enxergar, porque a alvorada ainda. não despontava no céu. Rocky Lance sabia que os comanches, ao contrário de outras tribos de peles-vermelhas, não temiam lutar à noite orientados e instruídos pelos seus abomináveis aliados comancheros. Hábeis em tocaias e investidas de surpresa esses índios faziam uso da escuridão e dos acidentes naturais do terreno como pedras e rochedos, desfiladeiros, bosques e rios para emboscar os adversários quase sempre atacando à traição.

O rapaz examinou o terreno atentamente concluindo que a escarpada montanha impedia de atalhar o caminho. Teria que prosseguir pela única estrada existente ou fazer meia-volta e retornar, mas isso era coisa que ele jamais optaria por fazer.

Decidiu-se por seguir avante, porém para evitar surpresas, tirou a carreta da trilha e fê-la sair para um dos lados seguindo pela margem do caminho e procurando quase sempre abrigar-se sob as ramagens das árvores que ali cresciam estranhamente à beira da estrada. Alguém deve ter jogado ou plantado sementes desses arbustos por aqui — pensou Rocky que também imaginava por quê carga de água só havia delas naquele trajeto.

Os sons dos disparos pareciam se achar bem mais perto. Ele segurou as rédeas dando a entender à parelha que devia agir com cautela.

Atingiu uma pequena curva que dava acesse à subida de um dos poucos locais elevados antes de se alcançar a montanha e pôde avistar na frente de onde estava algumas dezenas de comanches. Estavam a pé ou montados e pareciam agitados correndo de um lado para outro. Rocky divisou mais ao lado dos guerreiros índios vários carroções que só poderiam pertencer aos comancheros. Esses sujeitos, geralmente mestiços ou mexicanos, os únicos que auxiliavam os comanches, eram mais vulgarmente chamados de compadres que significava para eles aparentados, familiares e associados porque conviviam com os índios, planejavam assaltos juntos, utilizavam as pessoas sequestradas, homens, mulheres e crianças, para exigir resgates das famílias, enfim, eram amigos e cúmplices em todos os momentos e representavam uma pedra no sapato para os xerifes, delegados e soldados da cavalaria. Uma constante ameaça para os rancheiros e moradores das pequenas povoações. Quando se viam perseguidos e em perigo de caírem nas mãos dos soldados ou dos homens da lei, corriam a buscar refúgio nas montanhas ou do outro lado da fronteira onde também eram caçados inexoravelmente pelos rurales mexicanos.

Rocky que já conhecia sobejamente os hábitos e costumes desses malfeitores porque eles penetravam mais assiduamente no Arizona e no Texas devido à fronteira, imaginou que naquela luta ali perto dele a cavalaria e os milicianos civis certamente estavam empenhados em impedir que comanches e comancheros conseguissem escapar pela fronteira abrigando-se no vizinho país.

O rapaz levava a carreta cautelosamente buscando fazer menor ruído possível.

Os índios estavam tão concentrados no ser inimigo do outro lado, que nem se dignavam vigiar aquele ponto do terreno justamente por onde cruzava a trilha. Rocky bendizia mentalmente essa falha dos guerreiros comanches quando subitamente suas narinas detectaram o inconfundível cheiro de mato queimado. Ou melhor, de pastagens consumindo-se no fogo. Incêndio? Isso concluiu o rapaz. Os comanches e seus compadres tinham utilizado uma de suas armas prediletas ateando fogo à ravina tentando assim despistar a cavalaria. Encobertos pela densa fumaça que logo se ergueria como uma cortina encobrindo o local, comanches e comancheros a toda velocidade poderiam atravessar o terreno guarnecido pelas tropas sem serem vistos pelos soldados e milicianos. E o incêndio numa época em que a relva se encontra perigosamente seca em muitas partes, seria difícil de ser contido e dominado, invadindo e consumindo as pastagens dos ranchos circunvizinhos.

Rocky estacionou a carreta atrás dum rochedo maior e desceu com o rifle numa das mãos. Observou detidamente o que se desenrolava e pensou em como poderia atravessar aquela densa muralha de fogo e fumaça.

Encheu o seu cinturão com balas e depois aproximou-se dos animais da parelha que tranqüilamente se encontravam no lugar onde ele os deixara, e desamarrando as rédeas jogou-as para a boléia. Agarrando um a um os cavalos disse-lhes suavemente como se falasse com amigos.

— Vocês irão atrás de mim, entenderam? Não sintam medo do fogo ou da fumaça.

Rocky atou-lhes pedaços de pano que primeiro encharcou com água do cantil, em volta das narinas.

Depois ele caminhou e a carreta puxada vagarosamente pela parelha seguiu-o obedientemente como se fossem os animais dois cãezinhos ensinados. O rapaz avançou uns quinze metros e foi colocar-se detrás de um grosso carvalho. Dali avistou os carroções dos comancheros que pareciam bem carregados. De coisas naturalmente roubadas pelos índios em seus ataques e saques, e que pretendiam levar para o México.

Rocky encontrava-se num ponto em que podia livrar-se das chamas ou escapulir antes que elas o alcançassem. E a própria fumaça, impedia que dali fosse visto pelos índios e seus compadres.

Decidiu então pôr seu plano em execução.

Como sempre carregava na gaveta sob o seu assento algumas garrafas com álcool puro e querosene para acender a lanterna que estava pendurada no alto do banco da boléia, apanhou uma delas enquanto dizia para si mesmo: fogo se combate com fogo.

Tirou a caixa de fósforos e abrindo a garrafa de querosene espalhou o líquido em borbotões pela vegetação mais seca das imediações. Quando o conteúdo se esgotou, tirou aquela que continha álcool e fez o mesmo. Imediatamente, acendeu o fósforo atirando-o sobre o capinzal. Em poucos momentos as labaredas se erguiam e multiplicavam-se avançando implacavelmente em direção ao aglomerado de carroções dos comancheros.

Estes, homens e algumas mulheres além de vários índios, foram colhidos de surpresa por algo que não esperavam e muito menos de um ponto que até então julgavam livre de inimigos. Gritaram esbaforidos e alarmados correndo daqui pra lá e vice-versa como se achassem às tontas. Os pequenos recipientes de água que utilizavam para aplacar as chamas eram insignificantes e

nada podiam fazer, pois o fogo aumentava ao invés de diminuir.

Rocky aproveitou-se daquela confusão para apontar o seu rifle e mirar alguns dos bandidos que mais se destacassem no afã de dar combate ao fogo. Não fazia pontaria respeitando mulheres ou velhos, e conseguiu derrubar vários com certeiros tiros.

Apavorados e considerando-se entre dois fogos, os comancheros procediam como baratas envenenadas, porém foi o bastante para que agissem rápida e desordenadamente pondo-se em fuga.

Então Rocky lembrou-se de algo do qual estava quase esquecido! Não tinha um velho clarim guardado na gaveta do banco? Fora uma coisa que achara numa das estradas percorridas há muitos meses atrás, certamente perdido ou jogado por algum soldado embriagado ou aborrecido. Sorrindo correu a buscá-lo e assim que retornou levou-o à boca imitando o toque t avançar da cavalaria. Ao mesmo tempo, com uma das mãos firmemente apoiada no joelho não cessava de disparar o rifle.

Os comancheros corriam doidamente para depois cair sob controle do exército. Os cavalarianos não faziam mais do que disparar por sobre as suas cabeças e os compadres atemorizados erguiam os braços suplicando pela rendição.

Contudo, Rocky não se esquecera de que existiam índios, os comanches do outro lado da ribanceira.

Fogo neles também — decidiu o rapaz.

Subiu na carreta e tocou-a até aquele sítio.

Espargiu outra garrafa de álcool puro no terreno de vegetação espessa e riscou mais alguns fósforos tocando fogo nas moitas. As chamas se alastraram e as labaredas erguiam-se alto. Naquele ponto o capim era mais denso, e logo flanqueavam o incêndio provocado pelos índios. Os

comanches assustaram-se ante aquele inesperado contra-ataque e foram juntando-se no apertado vale entre as duas gigantescas rochas que davam nome ao lugar de Red Pass.

Rocky Lance aproveitou-se da confusão para disparar continuamente nos atônitos peles-vermelhas e cada vez que apertava o gatilho se não acertava num deles, pelo menos arrancava lascas dos rochedos e isso era suficiente para provocar mais temor. Porém a situação não era a mesma de Bluebird quando do alto jogara os garrafões explosivos sobre os assaltantes do Banco. Não dispunha ali de nada que pudesse servir de mais destruidor. Então apanhou de novo o velho clarim e soou fortemente. O vento parecia levar os seus sons para junto dos comanches que já se achavam praticamente sem saber o que fazer.

Rocky lembrou-se de que no Texas um colega e cowboy que fora corneteiro na guerra, frequentemente entoava com o instrumento uma melodia que havia sido quase que um hino dos soldados nortistas. Chamava-se Yankee Doodle e quando seus acordes ecoavam as tropas moviam-se entusiasticamente como os seus adversários de então, os confederados, que por sua vez cantavam o Dixie Lee. O rapaz aprendera a maior parte da música e apesar do tempo, ainda se lembrava. Por isso mesmo levou o clarim aos lábios e entoou o Yankee Doodle fazendo-o com tal perfeição que ele mesmo ficou admirado. Os comanches pararam de atirar e de mover-se quedando-se como que paralisados, e os comancheros não ofereciam mais problemas porque já estavam nas mãos dos soldados que já tinham reconhecido o toque e avançavam.

Os tiros de Rocky se não acabaram com o combate, pelo menos perturbaram os índios que não conseguiram divisar o misterioso e inesperado exército que lhes atacava pela retaguarda. O fogo nesse entretempo concluíra sua missão

e fazia com que os comanches se apertassem ser saída no local. O resto ficou por conta da cavalaria e dos milicianos que tornaram o dominar a situação.

Naturalmente, ele foi levado a conversar com o comandante da tropa de cavalaria que olhou o jovem com curiosidade.

— Um dos meus homens me falou sobre você, rapaz. Soube o que fez há algum tempo num lugarejo chamado Bluebird salvando o Banco de ser roubado por uma quadrilha de assaltantes perigosos. Obrigado pela ajuda hoje. Então ateou fogo e deu os tiros, hem? Pois agiu muito bem. Não gostaria de alistar-se na cavalaria? Tenho certeza de que o general Laster lá no Forte Apache apreciaria tê-lo conosco, e posso antecipar que começaria com algumas divisas pregadas na manga do casaco.

Rocky parecia meditar nas palavras do major e depois respondeu-lhe:

— Vou pensar, comandante, sinceramente. Prometo dar uma resposta ao senhor. Muito obrigado.

O outro acenou e fazendo um gesto de novo agradecimento e despedida, ordenou à tropa para segui-lo. Os milicianos já tinham retornado para seus destinos, pois eram todos voluntários que acederam espontaneamente em colaborar naquelas ações de emergência. A cavalaria, escoltando os comanches aprisionados, seguiria para a guarnição militar mais próxima que se situava perto da reserva índia onde eles ficariam confinados. Um destacamento separou-se da coluna com os comancheros remanescentes que seriam entregues aos rurales mexicanos, e isso, para muitos deles, significava forca sem escolha. Rocky acompanhou-os pois passariam precisamente por Douglas.

Chegaram à cidade à tardinha e o rapaz gostou dela. Passara por ali uma vez no passado muito rapidamente, pois estava a caminho do Texas com alguns amigos. O lugar era maior do que Phoenix e mostrava desusado movimento nas ruas com um tráfego intenso de cavaleiros, diligências, carruagens, carroças e carroções de caravanas. Cartazes enormes indicavam saloons, hotéis, bares e restaurantes e muitas lojas.

Ocorria esse progresso e desenvolvimento principalmente devido à proximidade do Texas, à presença constante dos ricos rancheiros e seus bem pagos vaqueiros que gastavam nos bares e saloons onde existiam salões de jogos.

Rocky procurou fazer a entrega da mercadoria mandada por Jenkins e Companhia Limitada. Depois decidiu permanecer ali o restante do dia para somente regressar na manhã seguinte. Todos a quem o rapaz era apresentado saudavam-no efusivamente e muitos com estardalhaço à maneira texana. Ele não sabia como as notícias corriam tão velozmente, não somente o que acontecera em Bluebird, senão a recente experiência com os índios e comancheros era do conhecimento de muitos, mas também o que fizera com os Hampton chegara até ali. Aquela gente que parecia viver mais no Texas do que no Arizona, apreciava e até mesmo endeusava os tipos valentes. Por isso Rocky teve que aceitar a amizade e os brindes que todos queriam oferecer-lhe. Todavia, e não se deixando dominar pela bebida, o rapaz notava com preocupação que certos tipos que não escondiam a aparência de pistoleiros profissionais olhavam-no de soslaio e continuamente.

Embora não temesse esses indivíduos, pois via de regra eles somente provocavam os outros para duelos se fossem ostensivamente provocados, Rocky habitualmente não

fazia isso, porém receava que surgisse algum candidato a pistoleiro desejoso de iniciar carreira às suas custas. Alguém assim representaria sarilho certo, e o rapaz embora aparentasse ingenuidade, era inteligente e esperto.

Felizmente nada ocorreu e a cidade de Douglas foi agradável para a sua estada. Voltaria no dia seguinte conforme já tinha decidido e não deixou de dar um pulo até o estábulo público a fim de verificar se os seus queridos cavalos estavam sendo bem alimentados e tratados.

Naquela noite foi a uma barbearia, tomou banho, cortou o cabelo e barbeou-se. Vestiu um traje limpo e procurou uma loja onde pudesse comprar um presente para Cathy.

Mas antes, no quarto do hotel, ao trocar de roupa, encontrou num dos bolsos a carta que lhe tinha sido entregue no caminho pelo amigo e correio a cavalo da Wells & Fargo. Riu sozinho imaginando como pudera esquecer-se daquilo. Abriu-a sem nenhuma pressa e leu o conteúdo da carta. Era de Edith Stinson. A filha do banqueiro reiterava o convite feito por seu pai através de Jenkins para que ele fosse trabalhar em Tucson e pedia-lhe que lhe respondesse. Rocky não rasgou a carta. Ao contrário. Dobrou-a e guardou no alforje onde conduzia os seus pertences pessoais. Quem sabe? — disse para seus botões saindo para procurar a loja, sem se mostrar convencido ou interessado pelo oferecimento da moça que parecia bastante interessada. No momento o rapaz pensava apenas em Cathy.

No pequeno armazém de novidades foi atendido por uma linda morena de olhos negros e límpidos, longos e sedosos cabelos pretos, lábios polpudos e sensuais que exibia belíssimos dentes alvos ao sorrir. Rocky não pôde deixar de prestar atenção à beleza e elegância da garota, todavia, percebeu que ela devia ter uns quarenta

centímetros menos do que ele na altura. Desinteressou-se de imediato porque sentia que embora não confessasse a si próprio disso, um pequeno complexo de estatura que, às vezes era de superioridade, quando estava com Cathy por exemplo, ou de inferioridade quando deparava com uma coisinha linda como aquela. E como era bonita e gentil.

Rocky conversou com ela e soube que era filha do proprietário da loja e que no horário da manhã lecionava como professora na escola pública de Douglas. Chamava-se Lilian, Lilian Davis. E não fez nenhum comentário quando ele lhe disse õ seu nome, o que agradou deveras ao rapaz que detestava elogios. Comprou um perfume e uma caixa de delicados lenços de seda para mulher. Lilian não lhe perguntou para quem se destinavam, porém aceitou o convite que ele impulsivamente lhe fez para que se encontrassem depois que a loja fosse fechada. Passearam e jantaram num restaurante mexicano. A garota era inteligente, muito educada e compreensiva, sem arroubos como muitas que ele conhecera, inclusive Cathy. E lembrando-se de Cathy, mais arrependido ficou de se achar com outra, embora não dando a demonstrar qualquer mudança nas atitudes. Ele estava apaixonado pela moça de Phoenix e pretendia se casar com ela. Assim, despediu-se de Lilian Davis e num outro impulso que não pôde conter prometeu-lhe que voltaria a vê-la logo que pudesse, ou então lhe escreveria. No entanto, intimamente pensava que nunca chegaria a cumprir essa promessa, pois Cathy estava sempre em primeiro lugar.

CAPÍTULO SEXTO

A vingança vem a galope

Rocky Lance dormiu profundamente naquela noite. Quando acordou pela manhã no dia seguinte, o sol já tinha surgido e o rapaz achou que chegara a hora de dizer adeus a Douglas. Bem que eu gostaria de morar aqui ou por perto com um pequeno rancho. Ê tão diferente de Phoenix que nunca deixa de ser uma cidadezinha de mexericos e velharias contrárias ao progresso e desenvolvimento — pensou enquanto dirigia a carreta pelas ruas procurando a saída para a trilha de Phoenix. Por coincidência, passou defronte à escola pública, e não foi sem um certo sentimento de satisfação que divisou Lilian que ao vê-lo assomou à janela da sala de aula e lhe acenou com um lencinho branco sorrindo lindamente. O rapaz enterneceu-se e lamentou intimamente que ela tivesse aquela estatura bem inferior à sua, e que já se considerasse praticamente noivo de outra. Afastou logo esse pensamento e concentrou-se na estrada. Ao atingir o Red Pass notou que nada havia mais ali que lembrasse os combates dos dias anteriores. Mortos e feridos haviam sido retirados do terreno que agora se mostrava devastado pelo incêndio que ele e os índios tinham ateado. Porém, fitando o local, sentiu-se tomado de uma emoção curiosa e inusitada enquanto pensava: eu não tinha nada a ver com a briga entre comanches, comancheros e a

cavalaria. Podia simplesmente voltar para o posto de troca e lá aguardar que tudo se acalmasse para depois concluir a tarefa de entrega. Arrisquei-me a morrer e não ganhei nada praticamente, a não ser cumprimentos, tragos de uísque e olhares suspeitosos de pistoleiros doidos para medir forças comigo. O senhor Jenkins naturalmente se congratulará mas não fará mais nenhuma oferta porque eu recusei na última vez.

Retornando à planície e, portanto, caminhando em terreno menos pedregoso e mais fácil, os cavalos naturalmente redobraram o trote. Rocky planejava chegar ao posto de troca à tarde e passar a noite alii, pois não queria daquela vez enfrentar o restante do caminho na escuridão. Estava cansado de deparar com situações difíceis que na verdade não lhe cabiam resolver e gostaria de dormir na própria carreta, embora estacionada ao lado da casa que abrigava aquele posto de parada da diligência. Não havia mais nenhuma urgência. Já fizera a entrega e não levava nada para que alguém o aguardasse, exceto Cathy é claro. Antes almoçaria parando a viatura junto a algum riacho e dormiria a siesta à sombra de uma árvore.

E assim aconteceu realmente. Quando o sol estava bem a pino e percebeu que era meio-dia, procurou ver se divisara um local que servisse. Só depois de meia milha é que deparou com um aconchegante recanto que parecia feito para o que ele queria. Um pequeno riacho corria na baixada e nas suas margens e de ambos os lados havia arbustos encorpados com ramagens amplas e protetoras. Rocky preparou o seu almoço com carne, feijão e ovos duros que comprara em Douglas antes de sair. Comeu com satisfação e depois bebeu um gole de café que trouxera da cidade. Como não era viciado em tabaco, nem se preocupou com o tradicional cigarro que seus amigos geralmente acendiam

depois de uma refeição. Deixou a parelha com liberdade de movimentos para usufruir à vontade da pastagem que cercava o local e deitando-se por cima de uma lona em breve fechava os olhos. Mas foi um sono curto interrompido por um galope que ecoou na madeira da ponte ao lado e sobre o pequeno rio. Se fosse apenas o trotar dos cavalos, certamente não se importaria voltando-se e reiniciando o sono, mas os tiros que se seguiram o fizeram erguer-se e ficar atento.

Uma nuvem de poeira levantava-se da trilha por onde ele teria de seguir e através dela o rapaz lobrigou alguns cavaleiros. Dois deles corriam desesperadamente na frente perseguidos pelos três que seguiam atrás. Parecia que tanto uns como outros possuíam revólveres e atiravam enquanto galopavam.

Não vou me meter nisso, não os conheço e não sei por que estão trocando tiros. Briga de vaqueiros certamente — pensou Rocky decidido a deitar-se de novo. Foi um grito de mulher que o surpreendeu. E era, um dos cavaleiros que corriam à frente perseguidos pelos três outros. Rocky instintivamente apalpou o cinturão certificando-se de que não tinha deixado a arma. Um dos cavalos estava perto e ele correndo colocou uma rédea meio improvisada montando a seguir. Matungo amigo, isto não faz parte dos seus deveres nem você é cavalo de sela, mas faça uma forcinha e galope comigo — disse ele abaixando-se sobre o pescoço da montaria.

O animal imediatamente saiu em disparada surpreendendo o próprio Rocky que não contava com aquela reação. O rapaz fê-lo enveredar, através da pastagem onde inexistiam árvores e pedras para um dos lados, pretendendo alcançar os cavaleiros mais adiante da curva do caminho. Por onde ia, ganhava uns quinhentos metros

cortando o terreno sem deixar de acompanhar a trilha. Novos disparos se ouviram e outra vez o grito feminino. Rocky percebeu então quando se aproximou da estrada; os dois que iam à frente eram um homem uniformizado de oficial da cavalaria e uma jovem com trajes de montaria. Os perseguidores eram comancheros! Mas ali? Rocky imaginou que deviam ter feito parte do bando dizimado e aprisionado lá em Douglas, abandonando os demais antes ou durante o embate com as tropas.

Correndo agora quase que paralelamente aos cavaleiros, ele apontou a arma em direção a um dos comancheros e apertou o gatilho. O tiro alcançou o sujeito como se fosse uma codorniz apanhada ao alçar voo. O outro recebeu o impacto da bala no peito e foi lançado fora da sela, rodopiando no ar e desabando ao solo. Os outros dois bandidos tentando frear bruscamente as montarias para ver de quem se tratava, imobilizaram-se o bastante para que Rocky caprichasse de novo na pontaria e disparasse. Mais um comanchero foi atingido e com um grito caiu do animal rolando na terra. O último não ficou esperando ser acertado e volteando o seu cavalo tentou escapar por onde tinha vindo. Foi aí que o oficial da cavalaria que juntamente com a moça já vinha de volta para ajudar aquele fortuito auxílio, erguendo a sua arma apontou e disparou acertando no animal que dobrou os joelhos e caiu para a frente lançando o seu cavaleiro alguns metros à frente. O comanchero, ferido ou não, levantou-se e apanhando o revólver que ficara próximo, abrigou-se atrás do corpo da pobre montaria ainda com vida e passou a atirar no oficial e em Rocky que já cavalgava em sua direção. A moça permaneceu atrás, enquanto os dois homens galopavam rumo ao atacante.

Pelo visto a pontaria do rapaz era bem melhor do que a do oficial, porque enquanto atirava, ele pôde verificar que

suas balas estavam incomodando o bandido entrincheirado atrás do cavalo, que se preparava para sair correndo dali tentando procurar esconderijo num dos rochedos ou arbustos que existiam à margem da trilha.

Sabendo que se o sujeito conseguisse seu intento seria muito difícil desalojá-lo, Rocky acenou para o oficial que continuasse atirando, e acelerando o seu cavalo que alcançou o comanchero que corria desesperadamente. Preparando-se para saltar logo que se aproximou do fugitivo, o rapaz ergueu o corpo e lançou-se sobre o outro que caiu no chão sob o peso do seu corpo. Lutaram furiosamente e se os punhos do bandido eram mais fortes devido à sua musculatura, os braços e pernas de Rocky agiam como tentáculos envolvendo o raivoso inimigo que se debatia e dava socos e pontapés furiosamente. O rapaz apelou para um truque que aprendera com os irmãos em Montana os quais deviam ter aprendido com outros garotos filhos de italianos ou nascidos na península do velho mundo. Não era um golpe muito limpo, mas para se acabar de uma vez com qualquer resistência, nada existia mais oportuno. Segurando o seu antagonista por baixo dele Rocky ergueu a cabeça e depois bateu-a como um aríete sobre o queixo do comanchero. Sentiu uma dor enorme, porém ficou satisfeito ao perceber que quebrara alguns ossos do maxilar do outro que lançou um cruciante grito largando-o imediatamente. Rocky viu que o seu inimigo gemia e rolava na terra tentando segurar a parte arrebentada do rosto. Esse aí nunca mais vai poder rir, mastigar ou falar alto na vida — pensou Rockv que já de pé, olhava-o de cima para baixo. O oficial acercou-se e com uma das mãos estendidas disse:

— Sou o tenente Hubbard, Jesse Hubbard de Forte Evans. Muito obrigado por ter-nos ajudado a mim e à minha

noiva desses bandidos que nos perseguiram. Estou acompanhando Millie, isto é a minha noiva, desde Douglas até o rancho do seu pai, John Browker, que não dista muito daqui. O senhor é...

O rapaz apertou a mão que o outro lhe oferecia enquanto respondia:

— Sou Rocky Lance e também venho de Douglas. Volto para Phoenix onde trabalho com Jenkins e Companhia Limitada. Aliás, este animal faz parte da parelha que puxa a minha carreta que ficou lá atrás na beira do riacho.

O tenente Hubbard olhava-o atentamente, até que, abrindo a boca num riso alto, exclamou:

— Mas eu estou sabendo quem é o senhor. É o rapaz que botou fogo e atirou nos comancheros e nos comanches ontem no Red Pass.

A moça acercou-se dos dois homens. O oficial logo lhe apresentou Rocky e então para surpresa do rapaz, Millie Browker com um sorriso malicioso no semblante disse:

— Eu também sei quem é o senhor Rocky Lance, mas não só porque ajudou a acabar com os índios e seus compadres. É porque tenho uma amiga chamada Lilian Davis que é professora. Eu também sou professora, sabia senhor Lance? e na mesma escola dela. A minha amiga ontem à noite quando fui me despedir dela parecia se achar no sétimo céu por ter conhecido e saído com um galante jovem chamado Rocky Lance. E agora o senhor nos salva a mim e ao meu noivo de um ataque de bandoleiros. Não somente fico contente por mim como por Lilian que vai morrer de alegria quando eu lhe contar.

Quem ficou ruborizado e quase morreu de arrependimento foi Rocky Lance ouvindo aquelas palavras e maldizendo o seu ímpeto de abandonar o sono e sair

montado para ajudar os dois. Eu o faria de qualquer jeito porque eles estavam sendo perseguidos pelos comancheros — pensou o rapaz justificando-se a si mesmo. Logo lembrou-se de Cathy Kloster e uma sombra de preocupação passou-lhe pelo semblante. E se aqueles dois fossem até Phoenix e espalhassem a notícia? Seria muito difícil, e o melhor era não pensar no caso.

Mas como seguro morreu de velho, decidiu-se a perguntar:

— A senhora vai sempre a Phoenix, dona Millie?

A moça retrucou logo:

— Muito dificilmente, pois não conheço ninguém lá exceto o senhor, agora. Passo a maior parte do tempo em Douglas e depois que me casar com Jesse, irei morar no Forte com ele.

Rocky quase suspirou de alegria, mas não deu a demonstrar. Os jovens disseram-lhe que o aguardariam ali na estrada enquanto voltava para o local da carreta e do outro cavalo. O rapaz argumentou que não havia necessidade disso, que deveriam partir sem ele, mas o tenente e a moça insistiram em acompanhá-lo até uma parte do caminho. Assim, resignando-se à companhia dos agradecidos novos amigos, ele retornou à margem do riacho, encilhou os dois animais agradecendo com tapinhas e afagos àquele que lhe servira de montaria pouco antes, e depois, já na estrada, alcançou o jovem par.

E conversa vai, conversa vem, atingiram a trilha de acesso para o rancho Browker onde o tenente Hubbard é Millie despediram-se efusivamente de Rocky, tendo a moça prometido ao rapaz:

— Quando encontrar Lilian vou contar-lhe como o senhor foi maravilhoso ajudando-nos, a mim e a Jesse, para nos livrarmos daqueles comancheros!

Uma gentileza que não serviu muito de consolo para o rapaz, que ele agradeceu com um pálido sorriso. Já o tenente informou:

— Pedirei ao meu futuro sogro que mande alguns dos homens do rancho levar os corpos daqueles renegados ao xerife mais próximo.

Assim, dois minutos depois estava ele de novo sozinho na estrada e como sempre, monologando para si próprio e os dois pacientes animais da parelha: Bolas. Justamente três comancheros tinham que fugir do bando em Douglas e vir por esta trilha, e atacar esse casal de pombinhos. Eu poderia ter continuado a caminhada sem parar para comer e dormir naquela belíssima e abençoada ponte e não teria visto nem ouvido o tropel dos cavalos, nem os gritos da moça, nem os tiros. Também não teria conhecido a amiga de Lilian nem ela a mim. Bolas! E se ela cismar de ir a Phoenix e comentar o assunto? A minha querida Cathy nunca me perdoará. Que é que vocês acham de tudo isso, companheiros?

Os cavalos resfolegaram e emitiram uma espécie de risada arreganhando os dentes manchados e abanando a cabeça dum lado para o outro. Rocky mandou-os às favas e se concentrou na estrada. O calor aumentava àquela hora do dia e ele queria chegar ao posto de troca de parelhas da companhia de diligências antes que escurecesse.

Rocky percebia que alguma coisa estranha estava se passando com ele que até então se considerava um rapaz feliz e sem frustrações. Conseguira honestamente um emprego, tivera o salário aumentado, ganhara uma recompensa e possuía uma namorada ideal com a qual pretendia se casar. Não se dera mal quando por contingências do trabalho ou movido pelo seu impulso nato de ajudar aos outros em dificuldades enfrentara assaltantes e assassinos, desordeiros embrutecidos, índios e renegados.

Conhecera outras moças bonitas que apesar de não terem a estatura que considerava ideal, simpatizaram com ele e não esconderam seus sentimentos. Todavia, não queria nada com essas garotas porque estava apaixonado por Cathy. Mas estaria mesmo? Essa pontada de dúvida surgiu e desapareceu instantaneamente do seu espírito e procurou enterrá-la o mais rapidamente possível no mais fundo cantinho do cérebro como se fosse algo que profanasse toda a beleza de vida. Lembrou-se, contudo, da carta de Edith Stinson e sem querer sentiu / uma pontada de orgulho subir-lhe a cabeça. Logo a seguir, rememorou seu interesse por morar algum dia em Douglas ou possuir o sonhado rancho nas proximidades dessa cidade, e sem querer, associou a idéia àquela linda e gentil professorinha de cabelos negros e sedosos. Sacudiu rapidamente a cabeça como se quisesse com isso afugentar o pensamento. Ora bolas, companheiros, o compridão do Rocco Lanzerini está em apuros — disse em voz alta para os cavalos, e desta feita a parelha nem se dignou tomar conhecimento. Os animais também pareciam querer chegar logo ao posto onde haveria para ambos uma lauta refeição de milho, alfafa e água fresquinha. E um longo e merecido repouso.

Então começou a chover, súbita e repentinamente. Não uma tempestade, porque havia sol, mas aquele tipo de chuva de primavera que os mais antigos chamam de pega trouxa porque os seus pingos são tão finos e ela aparentemente inofensiva que muitos se atrevem a andar sem agasalhos protetores.

Rocky armou a cobertura protetora sobre o banco da boléia e os cavalos pareciam gostar de trotar na terra que se encharcava depressa. Outra particularidade desse tipo de chuva de primavera no Arizona, é que provoca uma densa cortina branca mal permitindo que se veja dez metros à

frente. Assim, foi o instinto dos animais que preveniu o jovem da proximidade do posto.

Desta vez não havia nenhuma diligência parada à porta. Somente dois cavalos encilhados e cobertos com largas mantas que protegiam seus arreios. Rocky dirigiu a carreta para um pequeno galpão coberto nos fundos e ali estacionou a viatura, desatrelando a parelha, dando-lhe água e rações. Depois correu para a porta entrando no salão. E quem encontraria lá? O delegado Harris, de Phoenix e Buck Malone que ostentava agora uma estrela de ajudante no peito. Ao reconhecer Rocky, ele esboçou um tímido sorriso e disse:

— Olá Rocky, prazer em vê-lo. Como vê, acabei voltando a ocupar meu antigo posto no lugar de Bill Baxton.

Harris, no entanto, fitou Rocky e parecia hesitante em dizer alguma coisa.

Esse estranho silêncio não passou despercebido ao rapaz que rindo e estendendo a mão indagou:

— Que é isso xerife Harris? Não parece feliz em retornar a me ver!

O representante da lei apertou a mão de Rocky dizendo que ele estava enganado, que se sentia alegre em reencontrá-lo sim. Mas com cara preocupada, concluiu:

— Juro que preferiria vê-lo bem longe daqui, Rocky.

— Por quê? — redarguiu o jovem. — Não cometi nenhum crime e penso que não há nenhum mandado de prisão contra mim.

Harris ergueu a mão em sinal de calma replicando:

— Antes fosse isso, rapaz. Assim eu o colocaria num lugar a salvo e bem seguro. Acontece que Billy Kincaid está por perto e anda procurando por você!

Billy Kincaid? Rocky tentou lembrar-se de alguém assim chamado. De pronto não obteve nenhuma resposta, e por isso, indagou do xerife:

— Quem é esse Billy Kincaid?

— O irmão de Buster o "Gato Bravo" que você matou em Bluebird — redarguiu o representante da lei.

— Oh! — fez Rocky sem se alarmar, lembrando-se subitamente de que muita gente o prevenira de que o assaltante de bancos possuía um irmão também fora de lei e que certamente este tentaria se vingar. Não demonstrou medo nem receio. Também não deixou de sentir alguma preocupação, e por isso tornou a perguntar:

— Eu não o conheço nem ele a mim. Como sabe que me procura, xerife?

— O sujeito esteve anteontem à noite em Phoenix e perguntou onde você estava. Como tinha partido para Douglas, ele foi logo informado disso. Quando me disseram, tentei apanhá-lo, mas Bill já tinha deixado a cidade. Ontem mesmo vasculhei toda a redondeza e não vi mais sinais dele. Entretanto, pela manhã González que toma conta deste posto apareceu esbaforido na delegacia contando que Billy Kincard tinha passado por aqui dizendo que procurava por você e que não sairia das cercanias porque tinha certeza de que na sua volta teria que dar as caras neste lugar. Por isso é que eu e Buck Malone viemos logo, e é pelo mesmo motivo que eu preferiria que você estivesse longe, entendeu agora?

— Huuummm... entendi xerife — replicou o rapaz enquanto meditava sobre tudo que escutara do outro. — Sairei pela manhã como tinha previsto e irei para Phoenix. Xerife, por favor, não me acompanhem nem me sigam porque esse é um assunto que eu mesmo quero resolver sozinho. Não adianta falar, porque está decidido. Desculpe-

me e não se preocupe; não preciso, e nunca necessitei de ama-seca.

CAPÍTULO SÉTIMO

Caça e caçador

Estava escrito, porém que se Rocky não fosse ao encontro das encrencas, elas é que iriam ao seu encalço. E como se não bastasse o pessimismo do xerife Harris preocupado com a possível vizinhança de Billy Kincaid para perturbar o sono do rapaz que tinha teimado em dormir lá fora na carreta, embora sob a cobertura do galpão onde eram colocadas as parelhas substituídas ou para substituir nas diligências, eis que lá pelas duas da madrugada um barulho infernal fê-lo levantar-se num pulo, sem dúvida, um tanto assustado e confuso. Ficou de pé e apanhando o cinturão colocou-o imediatamente saindo dali correndo para averiguar o que tinha acontecido. Encontrou despertos e curiosos olhando para todos os lados, e com revólveres nas mãos o xerife Harris e o ajudante Buck Malone. O mestiço González esfregando os olhos achava-se na porta. Ninguém sabia o que tinha acontecido, mas era inegável que alguma coisa explodira por ali e bem perto da casa. O xerife examinou os arredores e nada viu nem ouviu, cientificando-se de que não fora contra a edificação que tinham tentado. As cercas de madeira que circundavam o local estavam intactas, não se viam clareiras no solo e as árvores mais próximas não tinham quaisquer estragos.

— Foi explosão ou choque de alguma coisa muito grande e pesada — exclamou Harris para Rocky e Malone que o acompanhavam. — Mas onde? — indagou o xerife.

— Quer que eu saia por aí para ver se vejo o que aconteceu? — propôs o rapaz, porém Harris ergueu os braços negando e fazendo gestos impacientes para que todos permanecessem ali mesmo juntos.

Não foi necessário que aguardassem, porque nesse momento um cavaleiro galopando celeremente aproximou-se e tão logo parou defronte aos homens e à carga pulou da sela e com a fisionomia transtornada quase gritou:

— Por amor de Deus, ajudem o meu patrão ali adiante. A carruagem dele capotou quando fazia a curva que existe a uma milha de distância e na queda o lampião que estava aceso no alto da boléia fez incendiar o carro atingindo uma caixa de dinamite que havia atrás. Meu patrão e dois empregados estão presos no meio dos destroços e Pablo ficou lá ajudando enquanto saí correndo para buscar socorro.

O xerife acalmou o recém-chegado fazendo-o sentar-se num banco do lado da porta e depois indagou:

— Calma amigo, já iremos socorrer seu patrão. Agora diga-nos com mais vagar quem é o seu patrão.

— Meu patrão é dom Hernando Morales, dono de um dos maiores ranchos de Douglas. Ele vinha de lá para visitar um amigo em Phoenix e trazendo uma caixa de dinamite que lhe pediram para conduzir aproveitando a viagem. Na carruagem, ele viajava com Álvarez o capataz, e Diego, o chefe dos vaqueiros. Eu me chamo Alejandro e como Pablo que ficou lá, somos vaqueiros do rancho e viajamos a cavalo acompanhando a carruagem. Por Deus, senhores, não podemos demorar! Eles devem estar mortos.

Enquanto ele falava, González o encarregado do posto selou rapidamente os cavalos do xerife e de Buck Malone e um que lhe pertencia, que ofereceu a Rocky Lance. Os três montaram incontinenti e seguiram o chamado Alejandro através da estrada. Mal tinham andado cem metros depois da curva, avistaram as chamas que saíam dos escombros da carruagem incendiada e caída numa vala ao lado da trilha.

— Não existe algum riacho por perto? — indagou Harris.

Antes que alguém respondesse, Rocky gritou para que lhe dessem os cantis de água e abrindo-os despejou o conteúdo de cada um sobre o próprio corpo molhando principalmente os cabelos e o rosto.

E antes que tentassem impedi-lo, pulou pelo barranco que possuía alguns declives em forma de degraus escavados na terra e chegou até os destroços. Ouviu gemidos e logo descobriu que partiam de um alto e magro mexicano ainda moço. Tirou-o debaixo da madeira um tanto chamuscada naquele lado e afastou-o para um lado depositando o homem sobre a relva. Depois, com as botas e uma alavanca de ferro que deveria ter feito parte da armação da carruagem, afastou os entulhos retorcidos e deparou com um velho de cabelos brancos estirado entre ferragens e madeira, que parecia morto. Abaixou-se escutando o coração e percebeu leves batidas. Aliviado por saber que aquele que certamente deveria ser dom Hernando Morales ainda estava vivo, Rocky tirou-o dali conduzindo-o até perto do outro. Harris e Pablo já tinham descido e o vaqueiro gritou feliz ao reconhecê-los:

— É dom Hernando e o senhor Álvarez. Onde está Diego?

Foi Rocky quem se lembrou de que deveria haver um terceiro lá entre os escombros. Saiu afoitamente e de novo

voltou para o meio dos destroços fumegantes, porém não conseguiu encontrar ninguém. Então olhou para mais longe e viu alguma coisa retorcida no meio do capim. Ao acercar-se, percebeu logo que nada mais poderia fazer pelo pobre vaqueiro que estava morto e com evidentes sinais de graves queimaduras, além dos ferimentos estampados no rosto, nos braços e pernas. O rapaz gritou chamando pelo xerife e quando este veio confirmou suas suspeitas.

— Foi jogado pela explosão e não viveu muito tempo — disse Harris, depois de examinar o morto.

Pablo e Buck levaram o corpo e depois cor o auxílio de laços e cordas alçaram os dois feridos e o cadáver para cima. Rocky foi buscar sua carreta com os animais atrelados e transportou a todos para a casa do posto de diligências. A pedido do xerife, o seu ajudante partiu imediatamente para Rockstone a vila mais próxima, embora à margem da estrada, onde havia um médico, com a incumbência de trazê-lo < mais rapidamente possível. O rancheiro e seu capataz foram atendidos com os primeiros socorros possíveis e com os apetrechos disponíveis ali no posto, de modo a aguardarem a chegada do médico.

— Agora vá dormir um pouco rapaz — aconselhou o xerife a Rocky. — Nada mais se pode fazer por eles até o médico aparecer.

Era dia claro embora tivesse amanhecido há pouco, quando o jovem acordou com o som de vozes na casa. Levantou-se e antes de atrelar os cavalos à carreta, foi para a edificação onde logo que entrou González lhe ofereceu uma fumegante xícara de café.

Percebeu a presença de um senhor idoso que logo adivinhou ser o médico, pois Buck Malone lá estava e foi quem lhe deu as boas novas:

— Rocky, o doutor disse que os dois vão ficar bons.

O rapaz sentiu-se feliz pela notícia e informou que partiria em seguida. O xerife que apareceu nesse instante recomendou:

— Rocky, muito cuidado com Billy Kincaid Ele poderá armar-lhe uma cilada no caminho. E antes que se vá, parabéns pelo seu trabalho desta noite tirando o senhor Morales e seu capataz daquele buraco em fogo.

O moço acenou sorrindo. Quando ia sair da sala, González chamou-o do quarto contíguo:

— Senhor Rocky, por favor não se vá, porque dom Hernando lhe quer falar.

Rocky retrocedeu e logo que entrou no quarto o médico saiu. O cavalheiro idoso que estava deitado, num sorriso débil, lhe disse:

— Já se ia senior? Por favor receba os meus agradecimentos por nos ter salvo a mim e Álvarez do incêndio da carruagem. Sei que retirou também o pobre Diego e que já o encontrou morto. Foi um gesto nobre senior. Como poderei lhe retribuir por isso?

Rocky, enrolando o chapéu nas mãos, sorriu encabulado abanando a cabeça:

— Senhor, eu nada mais fiz senão cumprir com o meu papel e lamento muito o que ocorreu com o seu vaqueiro. Não me deve nada senhor e saiba que por outro lado sinto-me satisfeito por saber que tanto o senhor como o seu capataz vão ficar bons muito em breve.

O velho rancheiro olhava-o com simpatia e gratidão e prosseguiu:

— O xerife falou-me muito sobre o senhor. Soube que é um moço valente e honesto, e se algum dia aparecer em Douglas que já conhece e onde é muito estimado, e desejar ser proprietário de um pequeno rancho, procure-me e a

ninguém mais. Eu tenho muitas terras e gostaria de ver um pedaço delas em tão boas e generosas mãos.

— Obrigado senhor, não me esquecerei. Se me interessar por terras em Douglas farei questão de pagar por elas e prometo que falarei com o senhor. Obrigado novamente e adeus.

Acenou em despedida para o xerife, Buck e González que ficaram à porta vendo-o partir. Rocky queria aproveitar a parte da manhã para vencer a jornada e por isso incentivava os cavalos com frases que iam desde mexam-se seus matungos duma figa, até vamos companheiros, porque temos boas coisas à nossa espera em Phoenix.

Meia hora depois contemplava com os olhos semicerrados a pradaria em volta do caminho e parecia mergulhado num torpor de cansaço, quando seu sexto sentido advertiu-o de dormitar e se concentrou com os ouvidos bem alertas tentando captar de novo algum som suspeito. Com o correr do tempo ele se habituara ao ruído das rodas e das patas dos cavalos sobre o solo e podia perfeitamente separar qualquer outro ruído. Se era um cavaleiro ou mais, não tardaria a distinguir. Foi em vão e por mais de dez minutos não percebeu nada. Parou a carreta silenciosamente encostando-a junto ao barranco do lado e nada escutou.

Por fim e crente de que havia sido sua imaginação, retornou à marcha habitual do veículo. As recomendações do xerife Harris... isso, se fosse o representante da lei que o seguia a distância e não desejava ser percebido nem por ele? Rocky sorriu e mais animado seguiu avante sem novas preocupações. Então avistou lá adiante as fileiras de eucaliptos que ladeavam a trilha por uns duzentos metros em ambas as margens. Era ali à entrada de um dos grandes ranchos da região, excelente local para se emboscar alguém

devido às árvores nos dois lados da trilha que seguia apertada naquele trecho. Sentiu algum temor, pois não podia conceber ser atacado à traição e não perdoava quem o fizesse dada a covardia do ato. Mas como confiar no senso de honra de um bandido e assassino? Se Billy Kincaid estava atrás dele para matá-lo, não iria certamente mandar-lhe uma participação pelo correio marcando mês, dia e hora.

Foi precisamente enquanto estava meditando nisso que seus ouvidos voltaram a perceber o ruído anterior. Rocky atrasou a marcha da viatura fazendo-a encostar de novo à margem da trilha e abaixou o corpo para melhor escutar com o rosto próximo do solo. Segurando-se na banqueta que era o seu assento, esgueirou-se por baixo dos varais da parelha e com a cabeça abaixada e quase sob as pernas dos animais, pôde distinguir os sons. Eram realmente cascos de um cavalo e vinham atrás dele. Mas por que os sons apareciam e desapareciam de vez em quando? Se fosse o xerife Harris, certamente não alteraria o ritmo do galope muito embora não se mostrasse. Só podia ser alguém que não queria ser pressentido e que de tempo em tempo parava para disfarçar e não permitir que fosse visto. Billy Kincaid?

Rocky ergueu a coberta da carreta armando a lona protetora sobre o assento. Pendurou uma jaqueta sua num prego mais saliente no teto do abrigo de forma que de longe aparentasse ser ele sentado ali. Quando a viatura foi se aproximando das alas de eucaliptos, ele apanhou o rifle e com ele bem seguro numa das mãos encostou vagarosamente o veículo na beirada e pulou. Mas não se esqueceu de dizer para a parelha: companheiros, sigam como se eu estivesse em cima e parem depois das árvores. Se entenderam ou não, nunca chegaria a saber, mas confiava nos velhos e leais companheiros e depois... seja o que Deus quiser.

Enveredando através da relva e procurando correr por entre as touceiras mais altas e densas que o encobriam, acompanhou a trilha até os eucaliptos e quando se acercou deles, embrenhou-se sob as árvores só se detendo no centro do trecho. Buscou rapidamente um barranco onde o terreno situava-se num plano mais elevado do que a trilha em que passavam cavaleiros e viaturas e escondeu-se atrás de um dos troncos mais grossos. Foi difícil encontrar algum que pudesse servir devido ao fato de os eucaliptos serem sempre muito finos. Contudo e por ser ele bastante magro, achou uma árvore que melhor se adequava ao que pretendia e segurando bem o rifle e certificando-se de que o Colt estava no coldre, aguardou.

Enquanto isso, a carreta ia andando no caminho sem diminuir nem aumentar a marcha e vista por trás podia distinguir agora a sombra do casaco dependurado e movendo-se dum lado para o outro com o balanço do carro como se fosse ele sentado na boléia. Somente se acercando é que se constataria o engano. Todavia, Rocky desejava acabar com o assunto sem dar oportunidade ao seu seguidor de perceber o estratagema.

Um minuto, dois, três, quatro... Então os sons das patas de cavalo aumentaram e aproximaram-se.

Rocky não desejava atirar em Billy Kincaid se fosse ele, à traição ou sem dar-lhe uma oportunidade de defesa. Então, meditando melhor, decidiu que pularia sobre o outro dali e sairia vivo aquele que levasse a melhor na luta.

Era Billy Kincaid quem vinha cavalgando.

Rocky Lance nunca o tinha visto antes na vida.

Entretanto, os traços fisionômicos não negavam. Os mesmos cabelos negros e lisos sob o chapéu de abas curtas, a barba e bigode da mesma cor quase tão espessa como a de

"Gato Bravo", a mesma estatura embora mais magro. E o idêntico ríctus de maldade e ódio na expressão.

Quando o cavalo do outro acelerou o trote naquela parte para alcançar a carreta, Rocky saiu detrás do tronco e aproximando-se do barranco gritou:

— Billy Kincaid, estou aqui. Sou Rocky Lance.

— Maldito! — grunhiu o malfeitor parando repentinamente sua montaria já com um revólver na mão e exclamando: — Eu vi você seu miserável, quando deixou a estação de muda, e não apareci antes para matá-lo porque nunca atirei em ninguém pelas costas!

Pelo menos ê um assassino com um louvável código de ética — pensou o rapaz enquanto jogava o rifle para o chão mais abaixo na trilha e pulava sobre Billy Kincaid, porém o facínora apertava o gatilho e Rocky sentiu a bala passar de raspão pela sua face queimando como brasa. Como o bandido movimentava o seu cavalo naquele exato momento, o rapaz somente alcançou a sua garupa graças aos braços e pernas mais compridos do que a maioria, e que lhe permitirIam agarrar-se às costas de Billy Kincaid com tamanha força que ambos rolaram para o chão onde caíram engalfinhados.

Com os dentes cerrados de fúria o fora-da-lei procurava a todo custo atingir Rocky com um dos punhos enquanto com outro braço levando a mão ao rosto do rapaz procurando acertar os dedos nos seus olhos. O revólver de Billy tinha caído quando os dois desabaram no solo enquanto o de Rocky continuava no coldre. Ele tinha jogado ali perto o rifle apenas. O irmão de "Gato Bravo" perdia em estatura para o rapaz em uns bons trinta ou quarenta centímetros, porém era mais forte e musculoso e tentava desesperadamente enfraquecer Rocky com os socos na boca do estômago e ao mesmo tempo cegá-lo com os dedos em

riste e as unhas. Q rapaz como sempre se valia de seus membros mais longos para enlaçar o adversário e manietar-lhe os movimentos o que custava acontecer com Billy Kincaid devido ao seu físico mais robusto e obviamente a maior experiência com lutas corporais. Em dado momento, Rocky encolheu as compridas pernas juntando as duas e dobrando-as na altura dos joelhos e afastando o corpo algumas polegadas, lançou-as como um bloco compacto contra o baixo-ventre do antagonista que soltou um grito deixando escapar o fôlego, e por instantes afrouxou as mãos no rosto do rapaz ao mesmo tempo que levava a mão que usava para socar ao local atingido. Disso se aproveitou Rocky para rolar no chão e se afastar do outro o suficiente para ficar de pé e sacar a arma ao mesmo tempo em que dizia:

— Levante-se Billy Kincaid. Eu não tenho nada contra você a não ser a tentativa de me assassinar. Quero que saiba que não matei seu irmão Buster "Gato Bravo" por prazer, pois antes daquele dia em Bluebird nunca tinha me defrontado com ele.

O bandido no chão, gemendo e fitando o rapaz com o mesmo ódio de antes, ruminou algumas obscenidades e depois concluiu com raiva:

— Não adianta bancar o bonzinho e arrependido. Não pense que vou deixar de persegui-lo até o fim do mundo só porque pensa que já levou a melhor. Tome lá seu mal...

Ele havia levado sorrateiramente a mão à nuca e da gola do casaco tirara um punhal longo e fino que ato contínuo lançou sobre Rocky. O rapaz que tinha o Colt engatilhado foi mais rápido do que a lâmina e disparou várias vezes seguidamente enquanto se abaixava.

As balas pegaram Billy Kincaid no rosto e no pescoço fazendo-o interromper o que estava dizendo, e seus olhos

fitaram desvairados e incrédulos pela última vez o rapaz antes que desabasse como um saco vazio no chão. O punhal atirado havia sibilado por cima de Rocky indo cair atrás.

Rocky, sem guardar o revólver, aproximou-se do corpo e com o bico da bota moveu-o. Não havia dúvidas, o fora da lei acabara ali.

Então ouviram-se patas de cavalos e o xerife Harris e Buck Malone surgiram esbaforidos. O primeiro desmontou logo e sem nada dizer acercou-se do bandido estirado olhando-o.

— Teve sorte, rapaz — disse simplesmente.

Porém Malone sorriu e comentou:

— Livrou-se do seu inimigo mais perigoso, Rocky. Faço votos para que consiga se safar dos próximos aparentemente menos raivosos do que este Billy Kincaid.

— Rocky, pode continuar seu trajeto e não se importe com este bandido. Se houver algum prêmio por ele...

O rapaz cortou-lhe as palavras:

— Se houver algum prêmio por ele gostaria que ficasse com vocês dois. Tenho esse direito, não tenho? Afinal vocês se preocuparam comigo.

E sem olhar para trás, foi até onde a carreta estava parada com os pacientes animais quietos e aguardando. Subiu na boléia sem desarmar o abrigo e foi-se embora.

CAPÍTULO OITAVO

Quando o fim ê um outro começo

Rocky Lance efetuou o restante da jornada naquelas horas ainda sob sol, sem deter a mente em pensamentos. Queria apenas dormitar embora sentado e sabendo que os animais da parelha fariam a caminhada sem que ele os dirigisse. Afinal, aquele restante da trilha era palmilhado por eles tantas vezes que poderiam cruzá-lo de olhos vendados.

Quando caiu a tarde, avistou lá na frente os contornos das primeiras edificações de Phoenix. Aí seu coração acelerou-se e pensou em Cathy. Logo pensou também em Lilian e em Edith e sem saber como, deteve-se mais na lembrança da professora de Douglas.

Sacudiu a cabeça como que tentando afastar essa idéia da mente e ficou feliz por ver que adentrava a cidade rumando diretamente para os fundos do empório de Jenkins e Companhia Limitada. Barnaby Johnson estava ali e correu a recebê-lo exclamando:

— Ora viva Rocky! Até que enfim! Prazer em vê-lo de volta e saiba que o senhor Jenkins já soube por um correio a cavalo que chegou esta manhã do que você fez com os índios e comancheros lá em Douglas. Rapaz, ele está exultante.

Mas o velho guarda-livros e despachante calou-se em seguida, aparentando se achar embaraçado com alguma coisa que o rapaz ignorava. Rocky pretendia desatrelar os animais, levá-los para a cocheira e em seguida dar o fora o mais rapidamente possível para se lavar e trocar de roupa a fim de visitar Cathy. Contudo, o jeito de Barnaby intrigou-o e por isso inquiriu desconfiado:

— O que é que há, Barnaby? Por acaso cometi alguma tolice que desagradasse ao senhor Jenkins? Não que esteja muito preocupado com isso, pois está chegando a hora de tomar uma certa decisão e...

O guarda-livros não fingia mais e a sua alegria forçada de antes quando recebeu Rocky com satisfação embora encobrindo alguma coisa, fez Lance pressentir algo de errado no ar e por isso prosseguiu diante do silêncio encabulado do outro:

— Barnaby o que há? Vamos, diga logo. Fui transferido? Ou despedido?

O outro abaixando os olhos decidiu dizer com voz baixa e sem encarar Rocky:

— Amigo, nem sei como começar...

— Comece, ora bolas! — explodiu Rocky que já estava mais do que impaciente.

— Cathy fugiu com outro — murmurou Barnaby.

— Cathy fugiu com outro... — repetiu Rocky gritando de repente. — O quê? A minha doce e meiga Cathy fugiu... com outro homem? — o rapaz quase pulou sobre o frágil Barnaby Johnson agarrando-o pelo colarinho. — Que brincadeira é essa? Cathy fugindo com outro homem, diz você. Quer brigar comigo?

E apertou ainda mais os punhos com os quais segurava e quase erguia no ar o desajeitado encarregado da firma que sem ousar fitar Rocky, murmurou:

— Sinto muito Rocky, sinto mesmo, mas é a verdade. Os Kloster quase puseram fogo no circo e por pouco não enforcaram quem eles puderam pegar quando apareceram enfurecidos lá e tiveram que fugir devido à intervenção do xerife Harris.

— Quer dizer que o xerife sabia de tudo desde ontem? — indagou Rocky incrédulo enquanto sua mente desesperadamente pensava: Harris já sabia de tudo e nada me disse lá no posto de troca de diligências nem no caminho depois que eu acabei com Billy Kincaid. Miserável, vai ouvir umas boas de mim. E Buck Malone também, desgraçado é por isso que não parava de sorrir para mim com simpatia. Devia estar gozando com a minha cara. Mas... espere um pouco. Harris e Malone foram até lá e me esperaram para ajudar e tentar proteger minha vida e não iriam perturbar-me ou deixar-me preocupado com um problema dessa ordem. Retiro o que pensei deles.

Deixando Barnaby livre de suas mãos e já mais refeito da surpresa, ele indagou:

— Cathy fugiu com quem? E quando?

— Ontem à noite. Ela fugiu com o anão do circo, um sujeitinho que mede menos de um metro de altura. E segundo já se soube, o tipinho é casado lá no leste. Imagine só e me desculpe Rocky, mas talvez isso lhe sirva de consolo, Cathy fugiu com um verdadeiro monstrinho que por cima ainda tem mulher! Sinto muito Rocky, porque sei que você ama a garota e pretendia casar-se com ela — disse Barnaby Johnson...

O rapaz embora um tanto atordoado pela notícia, bem mais calmo dizia como que para si mesmo:

— Mas essa não... Cathy largando tudo, família e o homem que a amava só para fugir com um anão que deve ser duas vezes menor do que ela na estatura... Oh não!

Saiu dali e em lugar de ir para o seu quarto na pensão entrou no saloon mais próximo e sentando-se numa cadeira pediu uma cerveja. Ninguém se atreveu a ir consolá-lo nem cumprimentar pelo feito contra os índios em Douglas que já devia ser do conhecimento geral. Apenas o velho Kloster surgiu e aproximou-se do rapaz. Rocky fitou-o com quem olha a peste e o pai de Cathy saiu rapidamente do bar.

Rocky não se embebedou. Foi para o seu quarto e dormiu. No dia seguinte levantou-se e vestindo o melhor traje foi para a rua com um ar feliz e risonho que surpreendeu a todos. Levava nas mãos alguma coisa parecida com cartas e um pequeno pacote que escrevera e preparara na pensão logo que deixara o leito. Rumou para a estação da Wells & Fargo onde uma diligência deveria partir dali a pouco. Reconheceu o cocheiro, era um seu conhecido chamado Joe. Rocky chamou-o de um lado e passando dez dólares para o outro entregou-lhe dois sobrescritos e um pacote dizendo:

— Joe, por favor tome estes dez dólares para você. Mas faça-me um favor. Entregue esta carta e o pacote para a professora Lilian Davis na escola pública ou na loja do senhor Davis em Douglas, você conhece?

— Claro que conheço, Rocky. Conheço a professora também, amigo. É um amor de garota. Pode deixar que amanhã ela receberá as duas coisas em mãos próprias. Só isso?

— Não amigo. Tem mais duas coisas. Primeiro um recado de viva voz para Lilian Davis, não vai se esquecer?

— Nem que beba todo o uísque do território. Pode dizer que eu repetirei palavra por palavra — redarguiu Joe.

— Diga-lhe: Eu voltarei mais breve do que possa imaginar. Somente isso e o pacote também. E esta outra carta por favor mande o agente da Wells & Fargo entregar

ao senhor dom Hernando Morales um rancheiro de Douglas.

— Sei quem é, Rocky. Homem rico e muito bom, eu mesmo farei a entrega logo que procurar a professora. O senhor Morales tem uma casa na cidade onde passa a maior parte do tempo — e o cocheiro dando um tapinha amável no braço do rapaz, voltou para seu posto junto à diligência.

Rocky Lance tinha um ar sonhador na fisionomia. Lilian Davis. Um rancho perto de Douglas. A vida às vezes era bem mais bonita do que se podia imaginar... Seu pensamento subitamente fez recordar um nome, Cathy. Quem era Cathy? E o nome se foi tão subitamente como quando apareceu. Lilian, o rancho... E ele até assobiava satisfeito enquanto se dirigia para o escritório do senhor Jenkins dono de Jenkins e Companhia Limitada.

Ia pedir demissão. Não trabalharia mais um dia sequer.

Foi uma das decisões que resolvera tomar, irrevogavelmente.

FIM

A seguir: CAÇADOR DE CRIMINOSOS
Não perca!

REEMBOLSO POSTAL
Pedidos de livros

Cole este cupom na sua carta pedindo os livros da Editora Monterrey e ganhe 1 livro grátis em cada pedido de 6 livros. Preenchendo este cupom corretamente, receberá o seu pedido com mais segurança.

Nome: .....

Endereço: .....

Cidade: ..... **Estado:** .....

Código de Endereçamento Postal: .....

ATENÇÃO

Não mande nada adiantado! Só pague ao receber os livros! E não se esqueça de apanhar a sua encomenda tão logo receba o aviso do Correio.

MENSALISTA

Procure receber mensalmente os seus livros, como mensalista, pelo nosso Serviço de Reembolso Postal. Cartas para:

EDITORA MONTERREY LTDA.
Caixa Postal nº 24.119 — ZC-09
Tijuca — Rio de Janeiro

IMPORTANTE:

Os leitores residentes no Rio de Janeiro podem adquirir os números atrasados em nossos escritórios, pelo preço da última edição em banca, à Rua Visconde de Figueiredo nº 81, Tijuca, de 2ª a 6ª-feira, no horário de 8:00 às 13 e das 14 às 17:30 horas.

CARO LEITOR

Se este bolsilivro apresentar alguma falha gráfica, pode devolvê-lo ao Editor que remeterá a V. S. exemplar idêntico sem o referido erro, inteiramente grátis.

REEMBOLSO POSTAL

Avisamos aos nossos leitores que devido ao alto custo da Tarifa Postal somos obrigados a atender somente pedidos cuja quantidade mínima seja de seis (6) livros pelo Reembolso Postal.

Os leitores interessados em receber nossos livros como MENSALISTAS, também terão que fazer pedidos mínimos de seis (6) livros por mês.

Eis as publicações da **Editora Monterrey:**

Coleção	Tema
H. H.	Guerra
F. B. I.	Policial
Z. Z. 7.	Espionagem
Z. Z. 7. Série AZUL	Espionagem
CHUMBO GROSSO	Bangue-bangue
CHUMBO MORTAL	Bangue-bangue
CHUMBO QUENTE	Bangue-bangue
OESTE BARRA PESADA	Bangue-bangue
OESTE BEIJO E BALA	Bangue-bangue
OESTE BRUTAL	Bangue-bangue
OESTE CARGA DUPLA	Bangue-bangue
OESTE PERIGOSO	Bangue-bangue
OESTE PRA VALER	Bangue-bangue
OESTE PROIBIDO	Bangue-bangue
OESTE VERMELHO	Bangue-bangue
OESTE VIOLENTO	Bangue-bangue
TIROTEIO	Bangue-bangue

PEÇA AO JORNALEIRO

OESTE PROIBIDO

HISTÓRIAS ELETRIZANTES
CHEIAS DE AMOR
NASCENDO DO ÓDIO.

CHUMBO QUENTE

UMA VISÃO ÍNTIMA DOS
COW-BOYS TEMERÁRIOS.

OESTE BARRA PESADA

NOVELAS DE FAROESTE
COM MUITO
EROTISMO E AÇÃO.

MULHER & COLT

GIOVANNA,
A BELA
E SENSUAL
REPÓRTER
QUE IMPÕE
A LEI
NO OESTE.

OESTE BRUTAL

AVENTURAS INÉDITAS
SOB O SOL DO
OESTE NORTE-AMERICANO.

CHUMBO MORTAL

EMPOLGANTES AVENTURAS
QUE VOCÊ DESEJAVA LER.

OESTE vermelho

UM FAROESTE BEM
VIOLENTO E PRA FRENTE.

EDITORA MONTERREY LTDA.

***

Preço Deste Exemplar:

Cr$ 3.400